

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Juliano Darós Amboni

**A INTERFERÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA
EM PROJETOS DE EMPREENDIMENTOS UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação de Mestrado

Florianópolis, 2010.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Juliano Darós Amboni

**A INTERFERÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA
EM PROJETOS DE EMPREENDIMENTOS UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador : Prof. Wilson Jesus da Cunha Silveira, Dr.

Florianópolis, 2010.

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

A494i Amboni, Juliano Darós

A interferência da administração universitária em projetos de empreendimentos universitários [dissertação] / Juliano Darós Amboni ; orientador, Wilson Jesus da Cunha Silveira. - Florianópolis, SC, 2010.

100 p.: il., grafs., tabs., mapas, plantas

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Inclui referências

1. Arquitetura. 2. Arquitetura institucional. 3. Campus universitário. 4. Administração universitária. I. Silveira, Wilson Jesus da Cunha. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDU 72

Arquiteto Juliano Darós Amboni

A INTERFERÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA EM PROJETOS DE EMPREENDIMENTOS UNIVERSITÁRIOS

Esta dissertação foi julgada e aprovada perante banca examinadora de trabalho final, outorgando ao aluno o título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração Projeto e Tecnologia do Ambiente Construído, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PósARQ, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Prof. Fernando Ruttkay Pereira, PhD
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Banca Examinadora:

Prof. Wilson Jesuz da Cunha Silveira, Dr. – Orientador / Moderador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Arnaldo Debatin Neto, Dr. (UFSC)

Prof. Fernando Barth, Dr. (UFSC)

Prof. Stavros Wrobel Abib, Dr. (UNIVALI)

Florianópolis, 2010.

Agradeço

a Deus, pela confiança e fé para acreditar até o fim, sempre!
as minhas pequenas, Isadora e Letícia, pelo carinho incondicional a qualquer tempo;
ao meu orientador, Wilson, por ser a calma frente as minhas adversidades;
a então, coordenadora Carolina Palermo, por não deixar de acreditar;
ao atual coordenador Fernando Rutkay, pela confiança;
aos membros da banca, pela contribuição fundamental para cumprir o papel deste estudo;
a UNESCO por permitir desenvolver um trabalho de pesquisa com total liberdade e acessos, além de me dar a possibilidade de agir como arquiteto na instituição;
e a todos que contribuíram de algum modo para o cumprimento desta etapa em minha vida.

RESUMO

Analisando a relação entre a gestão administrativa de uma universidade e a formulação de projetos de arquitetura para a edificação de equipamentos desta instituição, esse trabalho levanta a discussão, investiga e reúne os mecanismos limitadores das influências externas ao projeto, trazendo subsídios para o entendimento entre as partes envolvidas, para que se possa preservar a configuração original proposta em projetos de instituições universitárias.

Com o objetivo de produzir um documento de referência para profissionais projetistas de edificações universitárias, o trabalho analisa as diversas interferências do poder hierárquico da administração institucional da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, especificamente no projeto da Praça do Estudante.

A pesquisa constrói um histórico do desenvolvimento do projeto de arquitetura na instituição, além de identificar as idéias geradoras deste projeto e os anseios da gestão universitária para com a concepção do equipamento construído.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura institucional; campus universitário; administração universitária.

ABSTRACT

Analyzing the relationship between the administration of a university and the formulation of projects of architecture for the construction of equipment of this institution, this work raises the discussion, investigates and brings together the mechanisms of limiters to external project influences, bringing subsidies for the understanding between the parties involved in order to preserve the original proposal on configuration of university institutions projects.

With the aim of producing a reference document for professional designers of university buildings, the work examines the various hierarchical power interference of institutional administration at the Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, specifically in Praça do Estudante project.

The research builds a project of architecture development history at the institution, as well as identify ideas that generate this project and the desires of university management towards the design of equipment built.

KEY-WORDS

Institutional architecture; university campus; university administration.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 01: Mapa Político do Brasil, com destaque para Santa Catarina. (FURB, 2010)	38
Fig. 02: Mapa de Santa Catarina, com destaque para Criciúma (Governo de Santa Catarina, 2010)	39
Fig. 03: Organograma do Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos, da UNESCO. (SEPAU/UNESCO, 2007)	43
Fig. 04: Campus UNESCO, com destaque para área da Praça do Estudante. (UNESCO, 2008)	46
Fig. 05a: Projeto global original (SEPAU/UNESCO, 2008)	47
Fig. 05b: Projeto global com modificações: reduções de ambientes e áreas pavimentadas (SEPAU/UNESCO, 2008)	48
Fig. 06: Praça “P/Z”: Início da obra (2008)	49
Fig. 07: Praça “P/Z”: Obra Finalizada (2009)	49
Fig. 08: Obra na Praça do Estudante (2009)	50
Fig. 09: Obra na Praça do Estudante (2009)	51
Fig. 10: Croqui de idéia para o Centro de Convivência, envolto pela Praça do Estudante (2007)	52
Fig. 11: Croqui de idéia para o Centro de Convivência, envolto pela Praça do Estudante (2007)	52
Fig. 12: Registro do tempo de trabalho sobre as etapas de projetos que envolvem a Praça do Estudante.....	57
Fig. 13: Vista aérea da Praça do Estudante: baixa densidade de áreas pavimentadas (2009)	58
Fig. 14: Campus UNESCO, com destaque para área da Praça do Estudante: ilustração das ligações longitudinais predominantes até a inserção da praça, que trouxe transversalidade ao campus. (UNESCO, 2008)	63
Fig. 15: Projeto Global Original. Destaque para a primeira etapa: Praça “P/Z” (SEPAU/UNESCO, 2007)	64
Fig. 16: Projeto da primeira etapa: Praça “P/Z” (SEPAU/UNESCO, 2007)	65
Fig. 17: Corte do Centro de Convivência. Destaque da circulação linear como objeto gerador da forma de maior valor arquitetônico. (SEPAU/UNESCO, 2007)	68

Fig. 18: Projeto Global Original. Destaque para a circulação linear que definiu a implantação. (SEPAU/UNESC, 2007)	69
Fig. 19: Vista da Praça do Estudante: preservação das árvores existentes e inserção de espécies frutíferas nativas (2009)	70
Fig. 20: Área de futura implantação da Praça do Estudante, da UNESC. Vista Longitudinal: Localização nobre do campus, ainda sem urbanização. (2008)	74
Fig. 21: Área de futura implantação da Praça do Estudante, da UNESC. Vista Transversal: Localização nobre do campus, ainda sem urbanização. (2008)	75
Fig. 22: Projeto global com modificações: manutenção do eixo longitudinal estruturador. (SEPAU/UNESC, 2008)	76
Fig. 23: Piso da Praça "P/Z" (primeira etapa): Blocos de concreto formam desenho xadrez. (2009)	78
Fig. 24: Piso da Praça do Estudante, propriamente dita (segunda etapa): Desenho xadrez é subtraído. Piso é composto apenas por uma cor. (2009)	78
Fig. 25: Projeto de banco moldado <i>in loco</i> para uso na Praça do Estudante. (SEPAU/UNESC, 2008)	79
Fig. 26: Banco em concreto moldado <i>in loco</i> , na Praça "P/Z". (2009)	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 5.1.: Histórico dos projetos que envolvem a Praça do Estudante	55
Tabela 5.2.: Projetos de arquitetura pesquisados e arquivados em acervo.....	59

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
1.1. Justificativa	18
1.2. Objetivos	21
1.2.1. Objetivo Geral	21
1.2.2. Objetivos Específicos	21
1.3. Estrutura da Dissertação	21
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	23
2.1. Construção de Bases Teóricas na Relação de Poder	23
2.2. Construção de Bases Teóricas da Arquitetura	24
2.3. Investigação	25
3. MÉTODO	31
3.1. Pressupostos Teóricos do Método	31
3.2. Fases do Método	31
3.3. Fundamentação Teórica	32
3.4. Coleta de Dados	32
3.4.1. Pesquisa no Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos, da UNESCO	32
3.4.2. Pesquisa no Setor de Apoio Logístico, da UNESCO	32
3.4.3. Pesquisa na Pró-Reitoria de Administração, da UNESCO	33
3.4.4. Pesquisa na Reitoria, da UNESCO	33
3.4.5. Análise do projeto de arquitetura	34
3.4.6. Entrevista com os autores do projeto	34
3.4.7. Análise <i>in loco</i>	34
3.5. Tratamento dos Dados Coletados	35
3.6. Estudos Externos	35
4. ESTUDO DE CASO: A PRAÇA	37
4.1. Contexto	37
4.1.1. A Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESCO	37
4.1.2. Localização	38
4.1.3. Estrutura Administrativa	40
4.1.3.1. Reforma Administrativa	40
4.1.4. Pró-Reitoria de Administração e Finanças	41
4.1.5. Apoio Logístico	42
4.1.6. Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos	42
4.1.7. A Atividade de Decisão sobre os Projetos na Universidade	44
4.1.8. As Influências do Poder Decisório da Administração Universitária na Execução das Obras da UNESCO	44
4.2. Histórico e Problema	45
4.3. Primeira Etapa: Praça "P/Z"	49
4.4. Segunda Etapa: Praça do Estudante	50
4.5. Demais Etapas: Centro de Convivência	51

5. SISTEMATIZAÇÃO DE RESULTADOS	55
5.1. Apropriação do Material Coletado	55
5.2. Análise dos Registros Efetuados	56
5.3. Análise de Documentação	58
5.4. Organização Geral.....	58
6. DISCUSSÃO DE RESULTADOS	61
6.1. Histórico de Desenvolvimento de Projetos de Arquitetura, da UNESCO	61
6.1.1. Histórico de Desenvolvimento de Projeto da Praça do Estudante ..	62
6.2. Histórico do Planejamento Gestor da Praça do Estudante – UNESCO	66
6.3. Idéias Geradoras de Projeto – Praça do Estudante – UNESCO	67
6.4. Anseios da Gestão Universitária.....	71
6.5. Razões da Interferência do Poder Gestor sobre o Projeto	72
6.6. As Influências do Poder Decisório da Administração Universitária no Projeto de Equipamento Universitário.....	73
6.7. As Influências do Poder Decisório da Administração Universitária nas Obras da Praça do Estudante	77
7. CONCLUSÃO E SUGESTÕES	81
7.1. Mecanismos Limitadores das Influências Externas ao Projeto	82
7.2. Sugestões para novas pesquisa.....	84
8. REFERÊNCIAS	87
ANEXOS	91

1. INTRODUÇÃO

As universidades necessitam de projetos pedagógicos unificados para um desenvolvimento físico mais harmônico e mais próximo no relacionamento com o ensino. No entanto, por se tratar de um universo diversificado, onde culminam muitas áreas do conhecimento, seus planejamentos pedagógicos são discutidos e aprovados em cada curso isoladamente, dificultando a unidade do interesse coletivo. As diferentes áreas de atuação da universidade, no sentido do ensino, pesquisa e extensão, não têm uma política pedagógica que possibilite gerar uma comunidade interdependente, num universo realmente direcionado a um futuro comum, evoluído e desenvolvido num mesmo princípio de consciência unificada. Essas diferenças geram os conflitos que impossibilitam um trabalho homogêneo por equipes inter e multidisciplinares. Não existe a coesão dos objetivos ou a seleção de propostas comuns que compõem o planejamento global da universidade.

Pensar o projeto de arquitetura desde as ações do dia-a-dia, suas causas, conseqüências, influências do meio e intervenção concreta, é o horizonte maior da pesquisa que envolve a Praça do Estudante – da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, localizada em Criciúma, Santa Catarina. O presente processo, diz respeito, especificamente, ao Centro de Convivência e à Praça do Estudante, na UNESC. Tratados como um estudo de caso que serve como referência de projeção e avaliação para futuras intervenções em instituições de ensino universitário. A totalidade da obra não foi concluída ainda, pois o planejamento inicial sofreu modificações. Mesmo assim, consegue-se a elucidação de fatos e ações que interferem, de forma positiva ou negativa na consolidação efetiva de uma idéia de atendimento à demanda universitária.

O cotidiano da arquitetura e da construção não permite tempo para reflexões mais prolongadas e profundas. Todo o tempo se faz necessário o rápido andamento de uma produção muitas vezes mal planejada, mal executada e com recursos limitados ao extremo. A vida profissional atribui valor à quantidade, em detrimento, em certos aspectos, da qualidade. Como exemplo, tem-se a necessidade urgente de atendimento a demanda cada vez maior por espaços físicos na universidade.

A necessidade de aprofundamento na reflexão acerca dos diversos processos que envolvem um ambiente, desde a sua concepção até o uso, propriamente dito, pelo usuário ao qual se destina, faz com que a pesquisa aqui proposta tenha sua relevância social explicitada. É o momento de, paralelamente, no mundo técnico profissional e acadêmico, se pensar a arquitetura e a gestão administrativa como binômios dependentes de planejamento. Esse pode ser encontrado no projeto técnico, no projeto administrativo, no planejamento de futuro, até nas intenções pedagógicas da instituição.

A construção, em uma instituição universitária, vem ainda atrelada a função pública social que sempre a acompanha. Independente da sua natureza – pública ou privada – a universidade tem, constantemente, a função agregadora dos saberes em si, e, socialmente, o atendimento à

demanda da comunidade na qual está inserida. Guardadas as proporções, a universidade, como instituição, cumpre o papel de uma cidade.

É importante salientar o papel do arquiteto e urbanista como protagonista importante no acompanhamento dessas instituições de modo mais abrangente. Impossível seria observar apenas um objeto de interesse, abstraído-se do todo, do *campus*. A comparação com a cidade é inevitável. Assim como, inevitável é a necessidade de um planejamento com prazos e objetivos, com características pré-determinadas pelos solicitantes – sejam eles os administradores das instituições ou subordinados diretos – que darão suporte a cada investimento em infra-estrutura.

É fundamental a formulação multidisciplinar¹ de todo o planejamento de uma instituição. Além disso, a busca pela qualidade é parceira ímpar no processo. Todos os envolvidos devem estar cientes de suas responsabilidades, e, mais ainda, de suas influências no planejamento global, envolvendo projeto, materiais, processos, tempo, instrumentos de financiamento, idéias e pessoas. É importante esclarecer os atores da ação de planejamento na universidade. As atribuições e responsabilidades das pessoas envolvidas na construção física e na manutenção administrativa da universidade são importantes fatores para o entendimento do estudo que se propõe.

O que se quer é a atenção de arquitetos e gestores – administradores, reitor, pró-reitores –, e usuários em geral dessas edificações com intuito de provocar a reflexão. Procura-se a formação de uma proposta de projeto conceitual de universidade, baseado em projeto pedagógico, com elementos que tenham fundamentação pedagógica, para possibilitar um futuro com menor número de problemas, hoje, enfrentados pelas instituições.

1.1. Justificativa

As universidades brasileiras vêm sofrendo uma pressão pela crescente demanda de vagas nos últimos anos. Ao mesmo tempo, a concorrência tem aumentado em função da especialização dessa demanda, bem como, pela formação e crescimento de grandes grupos que empresariam o setor. Como consequência, assiste-se ao aumento da criação de campi universitários no país, além da ampliação dos já existentes, transformando-se em grandes centros de ensino. Mais do que nunca, a construção desses campi são razões determinantes no sucesso dos empreendimentos que realizam.

A gestão universitária vem sofrendo séria necessidade de transformação e adaptação aos novos tempos, visando a preservação de sua atuação na comunidade na qual está inserida. Cada vez mais, as grandes corporações de ensino, existentes no Brasil, avançam no sentido de aplicar uma gestão mais racionalizada aliada a redução dos custos operacionais,

¹ A multidisciplinaridade trata os objetivos comuns com pessoas e informações de diversas áreas do conhecimento. A transdisciplinaridade organiza e correlaciona essas diversas áreas. Já a interdisciplinaridade é um processo de integração recíproca entre os diversos campos do conhecimento (FERREIRA, 2009).

visando a globalização do ensino superior brasileiro. Os aspectos e características locais e regionais vêm perdendo espaço para os de ordem global, segundo o professor Rayon Braga (2009), presidente da Hoper Consultoria, especializada em instituições de ensino superior. O olhar do gestor de uma universidade precisa estar atento ao dinamismo das mudanças tecnológicas e científicas, objetivando garantir a viabilidade física e financeira continuada da instituição.

O conjunto de edifícios, circulações, praças, sinalização, dentre outros, em uma universidade, são temas complexos na arquitetura contemporânea. Assim como, toda a articulação viária e redes de atendimento, nas áreas de saúde, educação e cultura o são na cidade. Têm suas particularidades e especificidades, aliados à necessidade de identidade própria bem definida.

Em Criciúma, Santa Catarina, a Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC vem se destacando pela demanda por edifícios que venham compor o número cada vez maior de cursos e, conseqüentemente, de alunos. A UNESC tornou-se universidade em 1997 e, rapidamente, gerou uma oferta de cursos da área científica, social e tecnológica. De 1999 à 2003, a implantação dos novos cursos gerou um aumento substancial na área construída do campus, sofrendo a pressão intensa da necessidade de espaço físico que compusesse a nova configuração da instituição. Hoje, a universidade já possui um patrimônio construído em torno de 42.000 m² (quarenta e dois mil metros quadrados). A construção dessa área se configurou com uma grande variedade de sistemas construtivos, todos com um baixo custo de execução, porém com manutenção constante. Surgiu, portanto, a pertinência de um sistema de controle de qualidade da implantação do campus, agregando funções de padronização dos processos de elaboração de projetos, construção e manutenção dos edifícios. Para tanto, tem-se consolidados o Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos, e o Setor de Apoio Logístico, respectivamente. Além disso, a instituição vinha atuando pouco nas questões urbanísticas do campus, o que vem se modificando nos últimos dois anos.

Nota-se uma intenção clara de corrigir as incoerências da implantação dos edifícios do campus e, conseqüentemente, da vivência de seus usuários, através de subterfúgios como passarelas e espaços de vivência, como praças e áreas de estar.

Tratando-se de características arquitetônicas, esses novos lugares têm, como certo, ações e influência sobre o meio, bem como, nas pessoas. A universidade é um centro de geração da crítica, através dos estudos das questões teóricas e da prática do dia-a-dia. A eficácia das suas edificações deve ser tema de estudo dos próprios acadêmicos, dentro dos cursos das áreas de interesse na construção civil como arquitetura e engenharias. Sendo assim, nas universidades, o pensamento crítico está mais acirrado e em pleno exercício, coibindo falhas de qualquer ordem. Assim, também, a direção universitária cobra resultados práticos na elaboração de projetos de ambientes, esperando a geração de novas oportunidades de uso para a

comunidade, sem esquecer a formação de renda, devido à necessidade econômica resultante do investimento.

Enfim, o trabalho de instigação é uma constante nas universidades. A relação entre o projeto de arquitetura e o poder exercido pela gestão institucional se dá de maneira estreita, porém, com algumas dificuldades de entendimento em certos momentos. O estudo dessas relações e a efetiva construção do meio físico universitário são objetos de estudo que aqui se apresentam e que se buscam elucidar.

A pesquisa é, marcadamente, empírica e não a priorística, sendo assim, é exploratória.

O estudo sobre os projetos de arquitetura para edificações universitárias e a interferência sofrida através das ações de poder da gestão administrativa dessas instituições, procura vislumbrar e elucidar as relações que ocorrem desde o surgimento de uma demanda pelo projeto até a efetiva ocupação do objeto construído.

A pesquisa que aqui se apresenta procura instrumentos que potencializem o projeto de arquitetura, como resultado da leitura plena dos objetivos que lhe são propostos.

A atual pesquisa não tem como objetivo dados estatísticos, detendo-se na relação entre poder gestor e projetos para empreendimentos universitários.

O foco está voltado para a UNESCO, em Criciúma. O estudo busca respostas que atendam à demanda de projetos de arquitetura. A universidade foi escolhida pelo seu caráter comunitário de atendimento regional, situando-se entre os grupos de universidades públicas e particulares do país.

A UNESCO possui diversos blocos de ensino, bem como, edificações de caráter de apoio e de serviços. Concentrou-se na Praça do Estudante por se tratar de um projeto de arquitetura e urbanização que possui a maioria das etapas já implantada efetivamente. Além disso, o projeto da Praça do Estudante tem diversas características em comum com os trabalhos em projetos de arquitetura, desenvolvidos na instituição. O trâmite de apresentação de demanda, desenvolvimento de projeto e aprovação deste pela gestão da universidade é uma dessas características.

O trabalho não pretende encerrar o assunto, listando uma fórmula pronta com maneiras de projeção, mas simplesmente, alertar e promover a reflexão e o debate acerca de uma relação complexa e até polêmica entre o arquiteto e o administrador: o projetista e o promotor da demanda.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

Produzir um documento de referência para profissionais projetistas de edificações universitárias.

1.2.2. Objetivos Específicos

1.2.2.1. Analisar a interferência do poder hierárquico da administração institucional da UNESCO no projeto da Praça do Estudante;

1.2.2.2. Construir um histórico do desenvolvimento dos projetos de arquitetura da UNESCO;

1.2.2.3. Identificar as idéias geradoras de projeto;

1.2.2.4. Identificar os anseios da gestão universitária;

1.2.2.5. Investigar mecanismos limitadores das influências externas ao projeto.

1.3. Estrutura da Dissertação

O presente trabalho, constituído de seis capítulos, tem o seguinte conteúdo:

No primeiro capítulo, Introdução, foi elaborada uma breve apresentação do assunto a ser abordado na pesquisa.

No capítulo dois, Revisão Bibliográfica, foi levantada, nas referências apresentadas a conceituação e o histórico do problema que foi pesquisado.

No terceiro capítulo é descrito o Método, demonstrando os procedimentos adotados para a elaboração do trabalho.

O quarto capítulo apresenta o Estudo de Caso. A Praça do Estudante é descrita em sua concepção e etapas de construção, fazendo uma breve análise das mudanças ocorridas durante o processo.

No quinto capítulo, Sistematização de Resultados, faz-se a organização e análise do material coletado para a pesquisa.

No sexto capítulo, Discussão de Resultados, apresentam-se as avaliações e análises que o trabalho atingiu sobre os objetivos propostos no estudo de caso.

O sétimo capítulo apresenta a Conclusão e os Encaminhamentos que a pesquisa propõe para futuros estudos na área de empreendimentos universitários.

Ao final são apresentadas, em ordem alfabética, as Referências contidas no texto e aquelas consultadas para a fundamentação da presente pesquisa.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para a elaboração do presente trabalho, buscou-se referências para explicitar o problema através de temas como poder, administração universitária, praças, bem como, aquelas que tratam de “arquitetura universitária” ou “arquitetura escolar” como um todo.

2.1. Construção de Bases Teóricas na Relação de Poder:

Na esfera do poder, para a compreensão do problema, foi de fundamental importância o estudo de Foucault (2005). O referido autor trabalha as relações de poder instituídas, amadurecidas e exercidas pelo indivíduo em si e pela própria sociedade. Como os agentes sociais constroem o espaço e exercem sua dominação sobre os demais.

As colocações de Foucault são fundamentais para a leitura e intervenção no espaço, enquanto subordinado às ações de poder hierárquico, como uma universidade. Para o trabalho, auxilia na interpretação das ações exercidas pelos gestores da instituição, bem como, pelos técnicos envolvidos.

Goffman (1987) faz um profundo estudo sobre a vida dentro de instituições fechadas – diretamente sobre os manicômios, prisões e conventos – incluindo aspectos, dentre outras, de instituições escolares, como o mesmo declara no texto:

[...] há instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais [...] (GOFFMAN, 1987, p. 17)

A partir do momento em que o indivíduo ingressa como subalterno, em uma instituição, este, tende a ver mortificada a sua individualidade (GOFFMAN, 1987, p. 24). Importante, também, é a conceituação que Goffman dá para o que chama de *Instituição Total*, onde declara que são aquelas que tendem a diferenciar o mundo externo, do mundo interno, fechando-se em si mesma, e usando atributos físicos para isso, como muros altos, arame farpado, portas fechadas, corredores isolados, dentre outros.

As colocações que Goffman faz são pertinentes e provocativas. Na Praça do Estudante, apesar da aparente liberdade, a inserção se dá dentro de um campus universitário, cercado e fechado, segundo horários rígidos. Sua leitura inspira a reflexão da liberdade e da ação do poder de gerência institucional mesmo sobre um ambiente de uso coletivo, como uma praça.

Além disso, esclarece que as intervenções de poder nas relações interpessoais acontecem nos simples gestos diários, como a procura visual (através de abertura em uma porta de laboratório, por exemplo), no toque, ou mesmo no diálogo direto dirigido. O contato no ambiente coletivo é exercitado o tempo todo. Em cada contato há o exercício do poder.

Entende-se, pela interpretação de Goffman, que os ambientes institucionais devem respeitar a formação cultural individual de cada pessoa. Estas possuem conceitos pré-determinados no contato com a instituição. Diferenças de nível econômico e atividades exigem colocações e instalações diferenciadas entre os indivíduos. Isso está contido nos conceitos de ajustamento primário (medidas lícitas planejadas) e de ajustamento secundário (medidas ilícitas não planejadas), colocados pelo autor. Conforme este, tais compreensões desses conceitos variam de acordo com a região e com a instituição estudada.

Importante colocar que:

[...] quanto menos agradável seja o ambiente em que o indivíduo precisa viver, mais facilmente alguns locais serão classificados como livres. (GOFFMAN, 1987, p. 196)

Cada instituição fomenta e espera um tipo de comportamento do usuário nela disposto. Porém, o que se vê, é um resultado contraditório, pois, segundo o autor: “Sempre que se impõem mundos, se criam submundos” (GOFFMAN, 1987, p. 246.). O desejo de liberdade é implícito ao ser humano, assim como, a interpretação do espaço se dá de forma individualizada.

2.2. Construção de Bases Teóricas da Arquitetura:

Buscou-se a conceituação, a busca de definições e de material, relacionados aos projetos de arquitetura e gestão administrativa (poder) em universidades.

A revisão bibliográfica procurou critérios de projeto que fornecessem direcionamentos fomentadores de soluções de projeto. O trabalho busca atributos de projeto e da ação de projetar em arquitetura que possam gerar argumentos fortificadores de defesa dos objetos a ser construídos, em sua forma original.

As bases teóricas deverão, ainda, munir o trabalho com exemplos de projetos de arquitetura que trabalham o processo de conceituação e formulação do espaço de uso coletivo contemporâneo. Além disso, foi possível a pesquisa histórica que trouxe subsídios para o pensamento acerca das decisões projetuais tomadas ao longo dos anos. Essa pesquisa foi realizada sobre livros especializados que tratam os temas de arquitetura universitária e escolar, demonstrando a experiência de profissionais em projetos nessa área.

Tratando da influência da Universidade de São Paulo – USP, para com o Estado, o cidadão, a paisagem, dentre outros, Lanna (2005) analisa o papel da universidade na presença cotidiana de forma política, social, histórica, urbanística e arquitetônica.

Através da leitura de Lanna é possível fazer uma reflexão sobre as influências de uma instituição, como a UNESCO, no dia-a-dia da cidade. Além disso, ressalta que o próprio campus universitário pode ser tratado com uma cidade em si mesmo, onde acontecem trocas sociais, atividades políticas, bem como, intervenções físicas de construção. A análise de Lanna faz con-

siderar o reflexo de uma intervenção de construção da praça nos usuários da instituição.

Para o entendimento espacial, Kawachi (1999) traz uma análise específica dos ambientes escolares, direcionando a execução deste trabalho na compreensão do lugar. O autor aborda os espaços e lugares escolares, com a visão global, incluindo, uso, forma e função. Sua leitura facilitou a abordagem do tema aqui presente pois trata da interpretação de lugares dentro de instituições escolares. Além disso, a leitura auxiliou no preparo das entrevistas semi-estruturadas, aplicadas na pesquisa, apresentando entrevistas deste tipo, utilizadas na realização do livro.

2.3. Investigação:

O caráter investigativo nas referências bibliográficas analisadas visam mecanismos que auxiliem na manutenção da originalidade do projeto de arquitetura até na conclusão da obra. Buscam-se soluções que o projeto de arquitetura deve contemplar, como:

- Vínculos com o entorno construído existente: A necessidade da relação com o entorno e com as variáveis de cada lugar. A procura de elementos básicos que constituem a leitura inicial fundamental para a atividade de projeto, em universidades;

- Vínculos com o usuário: A necessidade da relação com o indivíduo para apropriação efetiva do lugar construído. Como estreitar a formulação de projetos de arquitetura com o usuário, uma vez que se tratam de espaços de uso coletivo restrito, como as universidades.

Para discutir conceitos de público e privado, apropriação do espaço, e demais aspectos qualitativos da edificação para com o usuário, Hertzberger (2006) trata dos reais objetivos da arquitetura. Segundo ele, a arquitetura ganha valor pela surpresa e pela curiosidade que venha gerar. Além disso, as configurações das funções a que se destina e a experiência dos usuários instigam a forma do ambiente.

Na esfera do poder, Hertzberger (2006) declara que a arquitetura em si e os níveis de administração influenciam diretamente a fronteira entre o público e privado.

A imensa maioria das interações entre as pessoas acontece nos espaços coletivos de convívio. Estes espaços podem ser concebidos atendendo futuros acréscimos ou demolições, ou seja, adaptando-se a novos usos, conforme as necessidades que se apresentam pelos próprios anseios de “re-união” (HERTZBERGER, 2006).

Por outro lado, é preciso tomar cuidado na liberdade que se dá ao usuário para influenciar na obra construída. O resultado desta ação pode ser desapontador, quando comparado ao trabalho de um arquiteto e as respostas que só ele poderia dar. Porém, na Universidade Livre, em Berlim, a arbitrariedade do projeto fora substituída pela escolha real dos usuários do sistema. O projeto concebido por Candilis, Josic & Woods forneceu a estrutura básica de funcionamento da edificação. A liberdade de escolha na

maneira de preencher os espaços fora dada aos usuários. Para Hertzberger (2006) a estrutura é fundamental para a ordem, porém, ela não é limitadora. A mudança pode ser permitida, mas a estrutura é o que importa.

Diz:

Deveríamos fazer projetos de tal modo que o resultado não se referisse abertamente a uma meta inequívoca, mas que ainda admitisse a interpretação, para assumir sua identidade pelo uso. O que fazemos deve constituir uma oferta, deve ter a capacidade de provocar, sempre, reações específicas adequadas a situações específicas; assim, não deve ser apenas neutro e flexível – e, portanto, não-específico –, mas deve possuir aquela eficácia mais ampla que chamamos polivalência. (HERTZBERGER, 2006, p. 152.)

O projeto pode propor formas usuais além das explícitas ao objeto. Uma coluna, por exemplo, pode oferecer um banco confortável apenas com o alargamento da sua base. Dessa forma, o arquiteto pode gerar usos em ambientes sujeitos a não apropriação pelo usuário.

A interação entre as pessoas, bem como, a relação delas com o espaço construído, é responsabilidade, também, do arquiteto, conforme Hertzberger declara:

Tudo o que um arquiteto faz ou deliberadamente deixa de fazer – a maneira como ele se preocupa com a abertura e o isolamento – sempre influencia, intencionalmente ou não, as formas mais elementares das relações sociais. (HERTZBERGER, 2006, p. 214.)

Para tanto, propõe a necessidade de se ter consciência de análise, de ordem psicológica e cultural, na formulação dos programas de arquitetura.

A arquitetura capacitada para conter os anseios dos usuários é uma arquitetura mais qualificada, levando em conta a variabilidade dos usos, bem como, os desejos e emoções dos vários tipos de indivíduos. Com certeza, a arquitetura que permite maiores percepções e experiências, na utilização do espaço, é capaz de fornecer emoções aos usuários, não sentidas anteriormente, estabelecendo a vivência desejada no projeto.

Quanto à hierarquia espacial, Hertzberger (2006) afirma que não é indicado o ato de colocar cargos de chefia em situações físicas mais altas que dos chefiados. A hierarquia, neste caso, tem que ser funcional. O chefe precisa estar mais próximo da área de trabalho para que o controle seja efetivo. Estando mais alto, o chefe acaba apenas fomentando a antipatia. A arquitetura é capaz de opor-se a criação de condições espaciais que possibilitem o florescimento do autoritarismo.

A busca pela qualidade na arquitetura é tarefa obrigatória em todas as esferas. O cotidiano, também, pode ser provido de soluções admiráveis, onde o mundo antigo já deu grandes exemplos. A atenção do arquiteto não pode ter discriminação de valor. Toda a prática deve procurar tornar melhor a vida das pessoas.

Na produção arquitetônica escolar especificamente, Corrêa (2002) apresenta o projeto do arquiteto Miguel Juliano e Silva para o Colégio Os-

waldo Cruz, em São Paulo, onde técnicas de construção e vivência são estudadas de modo aprofundado.

Miguel Juliano e Silva desenvolveu uma linguagem arquitetônica onde o uso do concreto, pára-sol e elementos vazados é freqüente. Ainda, a racionalização da estrutura e das circulações, buscando o acesso universal, dá dinâmica à escola, permitindo um caráter de espaço aberto e de fácil manutenção. Procurando dispor de novos conceitos e partidos em cada projeto, Silva preocupa-se em propiciar ambientes de acordo com a pedagogia utilizada na instituição. Por exemplo, se uma escola é de formação técnica, seus ambientes deverão ser diferentes de uma escola de formação curricular tradicional. Trata-se de uma lição importante para os projetos em instituições de ensino, na qual a interpretação da demanda é fundamental.

Corrêa esclarece, através dos projetos de Silva, como utilizar os ideais da instituição de ensino no projeto de arquitetura. Fica evidente a relação com o estudo do trabalho de análise da UNESCO. Corrêa auxilia na busca pela informação junto à universidade para o entendimento da relação da instituição como cliente e o arquiteto, como técnico.

Bussab e Oliveira (1998) apresentam projetos de escolas construídas em São Paulo, de 1994 a 1998, mostrando alguns exemplares e dando uma pequena mostra da realidade factível. Passa-se a perceber os níveis de qualidade inseridos na construção de equipamentos de instituições escolares para se fazer a comparação com as construções nas instituições locais, em especial, na UNESCO.

Analisando o espaço escolar e sua relação com os fenômenos educacionais – atividades e ações que ocorrem dentro de uma instituição escolar – Bencostta (2005) traz a tona o tema arquitetura institucional escolar como formação do lugar – construído - na memória do indivíduo. Bencostta chama a atenção para a formulação do objeto construído, pensado para contextualizar a vivência do usuário. Como exemplo, pode-se imaginar a escola (edificação) como primeiro marco arquitetônico que faz parte integrante da vida de uma pessoa, e que vai marcar toda a sua vida.

Baseado em Bencostta, entende-se que o ambiente de estudo, como os existentes em um campus, são formadores de cidadãos, passando a fazer parte do imaginário do usuário.

Ornstein e Martins (1997) são referência para o desenvolvimento de trabalhos de análise de obras construídas, buscando-se dados estatísticos. Sua leitura é fundamental para a formação de uma base de reflexão para o estudo que se propõe neste trabalho.²

2

Trabalhando com uma metodologia detalhada e objetiva, Ornstein e Martins (1997) dão um parecer dos problemas encontrados em edificações escolares de São Paulo. Apesar de não ser o caso deste trabalho, a Avaliação de Pós-Ocupação pode dar subsídios para as diretrizes de projetos futuros. Ornstein e Martins trata da Avaliação de Pós-Ocupação (APO) de edificações escolares apresentando a caracterização das instituições e respectivos usuários. A metodologia aplicada é bastante detalhada, porém não será utilizada aqui. Sugere-se até pontos de reflexão na formulação de questionários a serem aplicados aos usuários. A análise qualitativa e quantitativa é buscada de forma direta, com indagações simples e acessíveis em termos de faixa etária e formação do entrevistado. Os resultados apresentados dão a dimensão dos problemas encontrados, além de suas causas, apresentando diretrizes para incorporarem futuros projetos,

Já Graça e Kowaltowski (2004) fazem uma análise de pós-ocupação de edifícios escolares relacionando-os com os problemas de conforto ambiental: térmico, lumínico, acústico e funcional. Como referência, tem-se a norma (projeto) 02:136.01-001 (ABNT, 2006), que trata do desempenho de edifícios, dividida em 06 (seis) partes. Tabelas com distâncias percorridas, análises qualitativas de especialistas, disposição e dimensionamento de ambientes, orientação solar, direção dos ventos predominantes, criam a imagem do edifício escolar, formatando dados de qualificação de projeto. Entende-se que a criação do equipamento de uso coletivo, em uma instituição universitária, carece do uso das atribuições de desempenho funcional, lumínico, térmico e acústico. Um projeto que contemple essas atribuições agregará mais valor ao objeto construído.

Na leitura de French (2009) pode-se encontrar a provocação que se tem ao analisar um projeto de arquitetura e sua relação com o poder gestor. French, ao descrever diversas edificações de uso coletivo no mundo, declara que o processo de construção faz parte do processo continuado de projeto e não deveria excluir possíveis mudanças na obra. Esta afirmação vem após a demonstração de tantos projetos de arquitetura, segundo seus estudos de análise. French provoca uma avaliação dos trâmites usuais de projeto e obra, e a desvinculação dessas duas fases. É fundamental pensar na relação entre projeto e obra no estudo da Praça do Estudante, bem como, nos projetos para instituições de ensino, em geral. Os problemas existentes podem estar acontecendo nesta relação.

A relação entre a arquitetura e os conteúdos pedagógicos nas escolas é o foco principal do trabalho de Escolano e Frago (2001). Arquitetura e pedagogia são os reais formadores na escola, segundo eles. E, na UNESCO, propriamente dita, a pedagogia está voltada para a formação técnica e humana, como se verá em mais detalhes no decorrer do trabalho. Esse texto confirma a arbitrariedade da arquitetura, na imposição de projetos sem alternativas de apropriação do espaço pelo usuário. Também, a pedagogia adotada, centrada nas dúvidas entre o uso do espaço interno em contraposição ao externo e vice-versa. As escolas estudadas são desde a formação maternal até universitária e, concentram-se, principalmente, na Espanha, porém, havendo citações de casos na Inglaterra e França. O estudo leva em consideração o momento histórico de séculos passados, concentrando-se a partir do século XIX até os dias atuais. As reflexões sobre o ensino em ambientes fechados ou abertos, em meio a sítios movimentados dentro dos grandes centros urbanos, ou afastados, nas zonas rurais, ou ainda nas margens, com a fácil localização, porém fora da agitação cotidiana citadina, vêm elucidar quanto à diversidade de questionamentos possíveis e realizáveis na composição de trabalhos de projetos de equipamentos escolares. Tal reflexão é importante no caso de estudo, pois o local onde se localiza a UNESCO já fora considerado afastado do centro da cidade, estando a margem da sede do município. Hoje, o local já se encontra absorvido pela cidade, fazendo parte do itinerário central. Escolano e

como grades de proteção, altura de muros, dentre outros, e criação de manuais de manutenção e conduta, frente a problemas de incêndio, roubo, limpeza, vandalismo, etc.

Frago (2001) salientam várias formas e disposições de edificações escolares, externa e internamente. Após diversas análises, verificaram a predominância da forma em “U”, normal ou invertida, na configuração dos prédios escolares. Ou este está com a fachada e acesso principal junto à rua, ou possui um jardim frontal, afastando-se do movimento e do barulho, comum às vias públicas. Também, a composição das salas de aula, com disposição de mobiliário e objetos, de acordo com área de estudo, bem como, suas razões, são elucidadas de forma clara, visando a justificação dos atos de projeto e pedagógicos, estando estes inseridos, mutuamente, na formação de professores e alunos. O trabalho faz um apelo para que as edificações escolares sejam pensadas de forma orgânica, uma vez que visam atender seres humanos, e não de forma mecânica, tentando organizar de forma imutável as atividades e reflexões dos usuários. É preciso ordenar, deixando alternativas para a apropriação e configuração pessoal, “... abrir o espaço escolar e construí-lo como lugar de um modo tal que não restrinja a diversidade de usos ou sua adaptação a circunstâncias diferentes.” (ESCOLANO e FRAGO, 2001, p.139).

Jacobs (2003) faz uma leitura profunda das características físicas das cidades, descrevendo os seus elementos constituintes, como os bairros, praças, parques, distritos, dentre outros. Sua leitura é fundamental para o entendimento dos erros e acertos existentes no planejamento urbano dos elementos formadores da cidade. Jacobs fala com propriedade das praças existentes nos Estados Unidos e como seus projetos ajudaram ou prejudicaram na apropriação desses lugares pelo público usuário.

A relação da leitura de Jacobs com a pesquisa sobre a Praça do Estudante, na UNESCO, é clara. O projeto de arquitetura pode prever situações e tornar o ambiente um lugar de apropriação e uso frequente ou um lugar que, apesar de novo, já estará degradado e próximo do fracasso.

Januário (1997) descreve, em termos sócio-políticos, o poder, o estado e a sociedade para falar sobre os mecanismos que interferem no setor turístico de Florianópolis. O trabalho de Januário apresenta diversos autores que procuram explicitar o tema poder, e sua ação efetiva, dentro do contexto da sociedade. Como as relações de poder, exercidas por grupos de empresários, podem interferir na localização de infra-estrutura urbana ou nas ações gestoras do poder público municipal. Apesar do foco estar no turismo, a relação com este trabalho pode se dar pelo contato com os autores citados por Januário, sendo de valia para o melhor entendimento das ações de poder no âmbito coletivo, a qual está inserida a Praça do Estudante.

Os projetos de arquitetura e complementares da Praça do Estudante, bem como, respectivos memoriais foram fundamentais para a completa e mais segura avaliação do objeto construído. Somente de posse do material documental de projeto foi possível a verificação real dos ensejos e anseios aspirados com a confrontação do equipamento construído. A consciência das responsabilidades (projeto x obra) é fundamental para uma análise correta.

A revisão bibliográfica serviu para se construir a teoria do trabalho a que se propõe. A abordagem do micro e do macro poder vem formar a base das relações sociais focadas na pesquisa. Além disso, foi preciso entender a relação do papel da universidade com o objeto de arquitetura a ser estudado para se propor nos estudos mais detalhados do projeto de arquitetura em si. Esses estudos tratam da viabilidade do projeto ou da estrutura flexível, da hierarquia espacial, do espaço físico escolar. Já para a análise de relações, a revisão bibliográfica visou o projeto de arquitetura e o poder gestor, a arquitetura e o conteúdo pedagógico, além do espaço físico com os fenômenos educacionais.

A partir do que foi exposto, a seguir apresenta-se o capítulo que demonstra o método aplicado.

3. MÉTODO

O presente trabalho visa a descrição e caracterização da interferência da administração da Universidade do Extremo Sul Catarinense no projeto da Praça do Estudante. Essas ações vêm no intuito de auxiliar no entendimento do processo de projeto de arquitetura e a relação entre técnico projetista e cliente administrador, em instituições universitárias. É importante, também, a descrição dos atores e das ações envolvidas no foco da pesquisa.

Para desenvolver o trabalho foram necessários alguns procedimentos que são apresentados a seguir.

3.1. Pressupostos Teóricos do Método

Para o trabalho de investigação e pesquisa utilizou-se Chizzotti (2000), uma vez que procura expor as características de uma pesquisa, suas fontes, banco de dados, análise de dados, dentre outros.

É interessante, dentro das fontes de informação, a descrição de “pessoas-fonte”, como sendo aquelas que através de estudos e vivências, adquiriram saber sobre um problema específico.

Chizzotti (2000) dá a clara contextualização de pesquisa qualitativa e participativa. Esta ressalta as significações que constituem a prática usual. A pesquisa qualitativa baseia-se nas interações interpessoais, com a relação entre os diversos atores e os significados que estes dão às suas ações. “O pesquisador participa, compreende e interpreta” (p.52), coloca o autor.

3.2. Fases do Método

Descreve-se as fases da pesquisa experimental:

1ª Fase: determinação do problema: Aqui, foram esclarecidas as intenções da pesquisa e as buscas necessárias para se contemplar o trabalho;

2ª Fase: organização da pesquisa: Passou pela fundamentação teórica, através do entendimento do problema e o esclarecimento de seu universo através da revisão bibliográfica. Também, a definição do estudo de caso: A Praça do Estudante;

3ª Fase: execução da pesquisa de campo: Através da coleta de dados pode-se obter uma grande parte do material, além de se conhecer profundamente o estudo de caso da pesquisa;

4ª Fase: redação do texto: Com o tratamento dos dados coletados viabilizou-se a descrição das etapas e a formulação textual da pesquisa.

Vale ressaltar que se tentou procurar tudo o que já foi estudado sobre o assunto, para que se vá além, aprimorando o estudo do tema em questão.

Sobre a introdução da pesquisa, Chizzotti diz que esta deve dar as dimensões do trabalho ao leitor, justificando e delimitando o problema, além

de expor a metodologia aplicada, as partes em que se divide o trabalho e um apanhado das conclusões. Além disso, é o espaço para algumas explicações sobre fatos que envolveram o trabalho. É isso que se expõe no capítulo inicial do trabalho.

A seguir, faz-se o detalhamento das fases trabalhadas no método.

3.3. Fundamentação teórica

A fundamentação teórica marcou o início dos trabalhos. Foi realizada pesquisa e revisão bibliográfica sobre os assuntos abordados, por meio de consultas a livros, artigos técnicos, revistas especializadas em arquitetura, normas técnicas e páginas na internet. Foram utilizadas as bibliotecas universitárias da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

3.4. Coleta de Dados

3.4.1. Pesquisa no Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos, da UNESC

Foi necessário conhecer as atribuições do Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos para a verificação de suas responsabilidades. Essa clareza foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

Solicitou-se junto a este setor a disponibilização dos Projetos de Arquitetura e Urbanização do campus, especialmente, os projetos da Praça do Estudante, bem como, demais projetos de interesse ao estudo. O processo de coleta de material ficou facilitado pelo trabalho desenvolvido no setor, pelo próprio pesquisador.

Foi feita uma entrevista com o coordenador do setor visando conhecer as características do processo de projeto de arquitetura na UNESC, para se construir um histórico do desenvolvimento dos projetos de arquitetura na universidade.

Para o estudo direto da origem formal e compositiva do projeto foi feito um levantamento de toda a documentação relativa à formulação do projeto de arquitetura, além do levantamento do programa de necessidades, de maneira administrativa, para o projeto da Praça do Estudante.

3.4.2. Pesquisa no Setor de Apoio Logístico, da UNESC

Primeiramente, buscaram-se as atribuições do Setor de Apoio Logístico.

Visitando o setor, de maneira objetiva, foi solicitado acesso aos orçamentos efetuados, junto às construtoras, como base para comparações entre os valores cogitados para a obra da Praça do Estudante.

O levantamento do processo de seleção dos orçamentos deveria ser estudado, no intuito de se esclarecer possíveis dúvidas sobre a viabilidade econômica das etapas da obra. Mas, com o andamento da pesquisa, verificou-se desnecessário tal procedimento.

Na entrevista com o coordenador do setor o objetivo principal era obter informações sobre as características do processo de execução de obras na universidade.

3.4.3. Pesquisa na Pró-Reitoria de Administração, da UNESC

Como as demais pesquisas dentro da Universidade, foram esclarecidas as atribuições da Pró-Reitoria da Administração.

A investigação das ações de poder administrativo foi importante para se conhecer o funcionamento do planejamento gestor da administração universitária na UNESC. Além disso, buscou-se analisar a interferência da pró-reitoria no projeto da Praça do Estudante.

Voltando-se para o projeto de estudo, procurou-se a origem da demanda pela Praça do Estudante, visando saber as razões e anseios que a reitoria viu para originar todo o trâmite de implantação da mesma.

Buscando-se o entendimento do processo, foi necessário saber as bases de contratação de construtoras pela universidade e se fazer a descrição das ações da Pró-Reitoria no período de formulação do projeto até a finalização da obra. A disponibilização das informações aconteceu devido ao fácil acesso do autor às instâncias administrativas da universidade.

Na entrevista com a pró-reitora, buscou-se saber:

- os objetivos e anseios da administração gestora da universidade com a realização da Praça do Estudante;
- as características a serem contempladas pelo projeto de arquitetura;
- o papel da reitoria na formulação dos projetos do campus.

Nesse momento, foi necessária a conscientização para que as respostas estivessem de acordo com a verdade. Isso foi fundamental para a validação do estudo.

3.4.4. Pesquisa na Reitoria, da UNESC

Foi feita entrevista semi-estruturada com o reitor, professor doutor Gildo Volpato, visando conhecer mais o olhar da gestão universitária e suas ações de poder sobre os projetos de arquitetura, em específico, o projeto da Praça do Estudante.

O uso da entrevista semi-estruturada facilitou a obtenção das respostas de modo mais informal, coletando-se dados a partir de perguntas abertas que se complementavam pelas respostas dadas, já esperadas.

A entrevista serviu, também, para se colher informações que dessem subsídios e correções a pontos geradores de dúvidas, levantados na

análise da presente pesquisa, em sua fase de construção. Procurou-se verificar a interferência da reitoria no projeto da Praça do Estudante, bem como, os anseios que originaram o projeto.

3.4.5. Análise do projeto de arquitetura

Procurou-se conhecer o processo adotado. É importante se ter a elucidação dos caminhos percorridos para a origem do projeto de arquitetura.

Fez-se a pesquisa das idéias geradoras do projeto, suas bases e justificativas. Foi necessária a elucidação dos argumentos formadores do projeto. Averiguou-se a busca da viabilidade construtiva pertinente ao projeto.

Visou-se a busca dos vínculos com o entorno construído na instituição. O projeto e sua relação com o espaço e com os lugares já construídos são critérios de qualificação para todo o campus, pois o objeto construído faz parte de um todo complexo e dinâmico;

A pesquisa, também, buscou os critérios da implantação física de objetos no campus. O pensamento na locação de equipamentos e disposição de atributos físicos, construídos ou não, merecem atenção especial na avaliação do sucesso de um empreendimento. Foi questionada a resposta aos condicionantes físicos e naturais já existentes e àqueles possíveis de previsão na formação do projeto de arquitetura, na universidade;

O gestor universitário tem suas prerrogativas e suas solicitações. Fez-se necessário a elucidação do planejamento gestor e sua ansiedade no sentido da efetivação do objeto construído. O questionamento sobre o processo de suas idéias até a finalização concreta do objeto deu subsídios para a melhora das relações de projeto em universidades.

3.4.6. Entrevista com os autores do projeto

Através da entrevista se procurou elencar e organizar os princípios e desejos, além das idéias geradoras de projeto utilizados para a proposição da Praça do Estudante. A entrevista foi importante para a descrição do processo de trabalho adotado, bem como, para o entendimento das soluções escolhidas. Procurou-se demonstrar um exemplo de como o projeto institucional se desenvolve em uma universidade.

3.4.7. Análise *in loco*

Através de visitas periódicas se fez um relatório fotográfico demonstrando o andamento das obras, peculiaridades e detalhes de adaptação do projeto ao sítio de trabalho.

Sendo uma espécie de diário, registrou-se os fatos determinantes do processo construtivo. Foi registrado em relatório de obras as intervenções de área técnica de engenharia, bem como, atuações da administração gestora da direção da universidade.

Houve a descrição e análise das decisões registradas em obra. Aconteceram pequenos fatos que tiveram soluções atribuídas no momento de indecisão no processo construtivo, dentro do canteiro de obras.

Foi feita a caracterização das ações de controle e desenvolvimento da obra. Além disso, a análise das ações e intervenções no processo de construção do campus através da leitura e interpretação da atuação do Setor de Apoio Logístico.

Procurou-se ter a relação e descrição do controle efetivo da obra, em seu caráter técnico. Verificou-se como se dá a convivência entre o Setor de Apoio Logístico e a empresa responsável pela construção. Além disso, foi importante o entendimento da relação destes com a gestão administrativa da universidade.

3.5. Tratamento dos Dados Coletados

Os dados coletados foram interpretados a medida que eram alcançados. Eles serviram de base para responder as questões evidentes nos objetivos da pesquisa.

3.6. Estudos Externos

Procurou-se desenvolver estudos fora do local do estudo de caso da pesquisa, fazendo uma análise prática através de entrevistas informais e visitas a locais de interesse, como duas universidades e o escritório de arquitetura responsável pelos seus projetos. Isso serviu para se entender uma realidade diferente para comparar com a pesquisa a que se propõe. Pode ser observado o resultado desses estudos externos nos anexos do trabalho, na descrição feita em duas outras universidades: A Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR e a Universidade Positivo.

4. ESTUDO DE CASO: A PRAÇA

4.1. Contexto

4.1.1. A Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC

A UNESC tem origem na FUCRI (Fundação Educacional de Criciúma), criada pela lei n. 697, de 22 de junho de 1968, com cursos voltados ao Magistério. Com o decorrer do tempo e o crescimento econômico da região, foram criados outros cursos visando atender a demanda das empresas por profissionais qualificados. Por exemplo, o curso de Tecnologia em Cerâmica foi o primeiro do gênero na América do Sul. Foi criado para atender às empresas cerâmicas da região sul de Santa Catarina, conhecido pólo do setor.

A FUCRI foi reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Federal nº 72454/73, pelo Decreto Estadual nº 4336/69 e pelo Decreto Municipal nº 723/69. Inicialmente, utilizando a estrutura física de outras escolas do município de Criciúma, mudou-se para o atual campus universitário, localizado no Bairro Universitário, somente em junho de 1974.

Ela mantém a primeira escola de nível superior existente no Sul de Santa Catarina. A fundação nasceu através de um movimento comunitário que culminou com a realização de um seminário de implantação do ensino superior no sul do Estado.

A partir de 1991, iniciou o processo de transformação da FUCRI em universidade. Em 1992, o Conselho Estadual de Educação aprovou a extensão de alguns cursos para o município de Araranguá, estendendo as fronteiras de atuação da fundação. O mesmo Conselho constituía, em 1993, a Comissão de Acompanhamento, para concentrar-se no andamento do processo de transformação em universidade.

No dia 03 de junho de 1997, o Conselho Estadual de Educação aprovou, por unanimidade, o parecer do Conselheiro Relator, dando conta da transformação definitiva da FUCRI em UNESC, tendo como missão “promover o desenvolvimento regional para melhorar a qualidade do ambiente de vida”.

A homologação da universidade se deu no dia 11 de agosto, com assinatura do então Secretário de Educação João Mattos. No dia 18 de novembro, ocorreu a instalação oficial da UNESC, no Teatro Municipal Elias Angeloni.

Desde 1997, a instituição exerceu um avanço qualitativo efetivo. Partindo de 13 cursos de graduação, tendo 32, hoje. Estes estão distribuídos em Unidades Acadêmicas (UNA), a saber: UNA Ciências da Saúde (UNASAU), UNA Humanidades, Ciências e Educação (UNAHCE), UNA Ciências Sociais Aplicadas (UNACSA) e UNA Ciências, Engenharias e Tecnologias (UNACET), que compreendem as áreas de atuação dos cur-

sos. A quantidade de alunos atendidos saltou de dois mil para mais de nove mil, atualmente.

A UNESC possui uma área construída de, aproximadamente, 50.000 m² (cinquenta mil metros quadrados).

A universidade prioriza a socialização e a descentralização dos cursos, no campus. Dentro da política administrativa da instituição, nenhum curso tem um edifício específico para somente sua atividade. Por exemplo, não existe o “prédio da medicina”, ou outras apropriações de nomes em função do curso e atividades exercidas em edificações, como vemos, normalmente, em universidades brasileiras.

4.1.2. Localização

A UNESC localiza-se na região sul do Brasil, mais precisamente, no Estado de Santa Catarina, na cidade de Criciúma, conforme figuras 01 e 02.



Fig. 01: Mapa Político do Brasil, com destaque para Santa Catarina. (FURB, 2010).

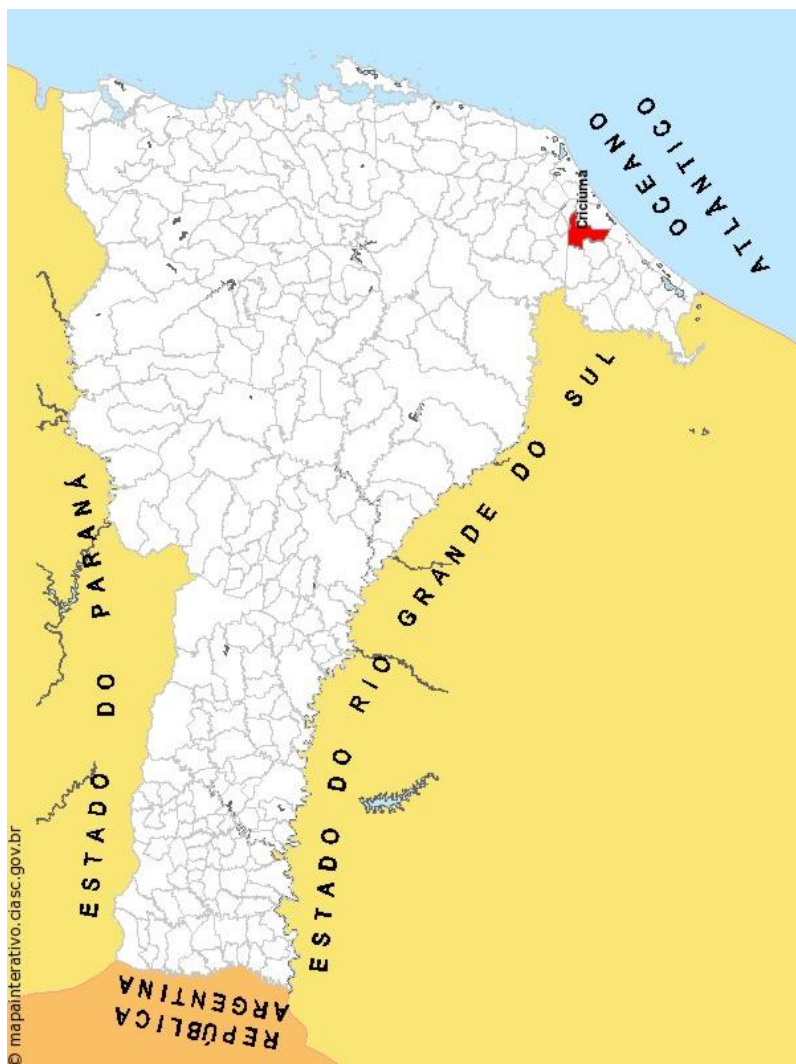


Fig. 02: Mapa de Santa Catarina, com destaque para Criciúma.
(Governo de Santa Catarina, 2010).

4.1.3. Estrutura Administrativa

A UNESC possui uma organização própria, distribuindo setores vinculados às pró-reitorias e às unidades acadêmicas. A grade hierárquica tem, em sua formação, o Gabinete da Reitoria. A seguir, a Vice-Reitoria. Na sequência, têm-se 03 (três) Pró-Reitorias:

1. Pró-Reitoria de Ensino de Graduação;
2. Pró-Reitoria de Administração e Finanças;
3. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão.

As unidades acadêmicas (UNA) são quatro:

1. UNA Ciências da Saúde (UNASAU);
2. UNA Ciências Sociais Aplicadas (UNACSA);
3. UNA Ciências, Engenharias e Tecnologias (UNACET);
4. UNA Humanidades, Ciências e Educação (UNAHCE).

A UNESC é uma universidade de caráter comunitário, sem fins lucrativos. É gerenciada de maneira descentralizada, através da Gestão Compartilhada.

A chamada Gestão Compartilhada é uma forma de gestão que se dá pelo diálogo entre o máximo de agentes envolvidos no processo de construção da universidade, antes de se tomar uma decisão de gestão administrativa pela reitoria. Todas as decisões acabam sendo tomadas por um colegiado, no corpo coletivo da instituição. A visão não é apenas única, do gestor, mas sim de um grupo, ou seja, as decisões ou são tomadas por um grupo, em colegiado, ou o gestor, mesmo na situação executiva, antes de tomar uma decisão, se apóia na troca de idéias com o maior número de pessoas que ele entenda como cientes do processo.

Segundo o atual reitor Gildo Volpato, “A Gestão Compartilhada parte do princípio de que a idéia do coletivo é mais importante, para se tomar a decisão, do que a idéia do indivíduo, que tenha a caneta na mão ou o poder de decidir as coisas” (VOLPATO, 2009).

Dessa forma, a decisão coletiva auxilia no embasamento da decisão individual do gestor. Existe um compartilhamento de responsabilidades.

A universidade, em seu poder executivo, procura ouvir o máximo de pessoas envolvidas com a instituição. Na última gestão foi criado o programa “Papo Aberto com a Reitoria”, visando escutar alunos e funcionários, usuários da universidade.

No coletivo, através dos colegiados, tem-se a criação dos regulamentos da instituição, bem como, o modo que funcionará a universidade. Então, tem o poder deliberativo/legislativo, que acontece no coletivo e o poder executivo, que, apesar de ter a essência individual, procura, na UNESC, se cercar do coletivo para ouvir antes de efetuar suas ações.

4.1.3.1. Reforma Administrativa

As atividades da Reforma Acadêmico-Administrativa iniciaram em 1º de julho de 2005, norteadas por três eixos:

- Excelência nas atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão (com a integração das três áreas nas UNAs - Unidades Acadêmicas).
- Gestão compartilhada, participativa e descentralizada.
- Sustentabilidade econômica.

Após a aprovação do novo Estatuto e o Regimento da UNESC, iniciou-se, em 2007, o processo de implantação e implementação das ações, com os seguintes objetivos:

- Qualificar e integrar o ensino, pesquisa e extensão, agrupando as diferentes áreas do conhecimento em UNAs (Unidades Acadêmicas).
- Potencializar o aproveitamento dos professores, principalmente daqueles que investem na carreira acadêmica;
- Cumprir as exigências do MEC (Ministério de Educação e Cultura) de que as universidades mantenham no mínimo um terço do corpo docente com tempo integral e um terço com titulação de mestres e doutores;
- Assegurar a estabilidade financeira da instituição.

A Reforma Administrativa foi colocada em prática, totalmente, no ano de 2007.

4.1.4. Pró-Reitoria de Administração e Finanças

Trata-se do órgão, dentro da universidade, responsável pela coordenação, supervisão e superintendência das atividades administrativo-financeiras da instituição. Como a instituição tem caráter comunitário, sem fins lucrativos, cabe a esta Pró Reitoria reinvestir todos os recursos provenientes das mensalidades e da captação de recursos junto às esferas federal, estadual e municipal de incentivo à educação, para o fortalecimento da universidade.

A Pró-Reitoria de Administração e Finanças é constituída pelos Departamentos:

- Apoio Logístico
- Desenvolvimento Humano
- Finanças e Contabilidade
- Tecnologia da Informação

Além dos departamentos listados, essa pró-reitoria é constituída, também, pelo Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos.

São atribuições da Pró-Reitoria de Administração e Finanças:

- Promover captação de recursos e acompanhar junto a órgãos federais, estaduais e municipais a liberação de verbas;
- Executar a programação orçamentária da Universidade;
- Coordenar a elaboração do plano global da instituição;
- Elaborar a proposta de orçamento geral da Universidade;
- Elaborar a planilha de custos dos serviços da instituição;
- Elaborar planos de melhorias das instalações físicas e de equipamentos.

4.1.5. Apoio Logístico

Responsável pelo suporte necessário à infra-estrutura e logística da universidade, o Departamento de Apoio Logístico tem a missão de atuar como parceiro. Deve garantir a máxima satisfação e tranquilidade ao usuário, proporcionando as melhores condições para um ótimo desempenho de suas respectivas atividades.

O Departamento de Apoio Logístico é constituído pelas equipes abaixo:

- Audiovisual
- Copa
- Correio
- Dedetização
- Limpeza
- Locação e distribuição de espaço físico
- Patrimônio
- Terceirizados
- Transportes
- Vigilância
- Setor de Engenharia

O Setor de Engenharia, do Departamento de Apoio Logístico, tem relação direta e constante com o Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos, por motivos de compartilhamento das atividades técnicas que representam e atuam.

4.1.6. Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos

A composição e vinculação do setor, dentro da universidade, se organiza conforme o quadro, na fig. 03.

O Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos, da UNESC, tem como objetivo: “projetar ambientes qualificados, utilizando instrumentos inerentes à arquitetura e urbanismo para organizar o espaço físico, contribuindo para o melhor desempenho das atividades acadêmicas”. (SE-PAU/UNESC, 2007)

O setor dispõe de todos os projetos de arquitetura, bem como, todos os projetos complementares e respectivos memoriais descritivos, das edificações executadas no campus.

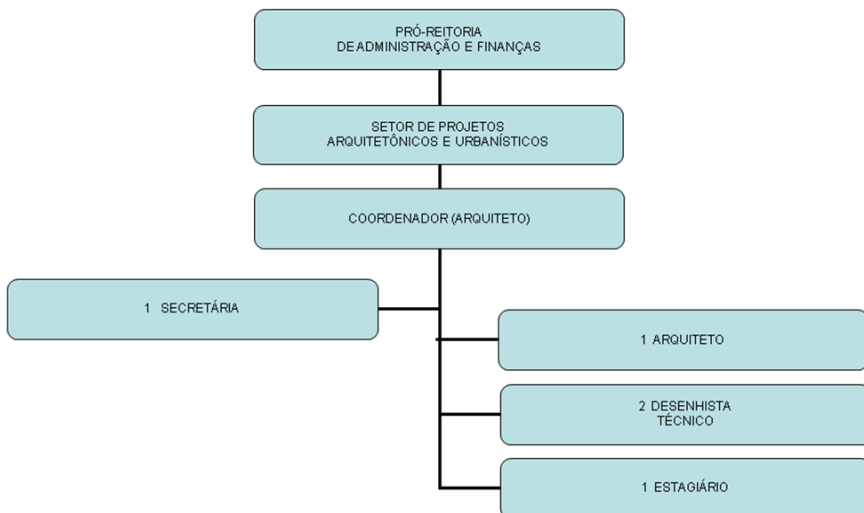


Fig. 03: Organograma do Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos, da UNESC. (SEPAU/UNESC, 2007).

São atribuições do Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos:

- Analisar, avaliar e responder as solicitações do meio acadêmico que impliquem na necessidade de projetos arquitetônicos e urbanísticos;
- Desenvolver estudos arquitetônicos para a qualificação do ambiente físico;
 - Buscar, na realização dos projetos, as soluções que melhor respondam ao trinômio: necessidade, possibilidade e viabilidade econômica;
 - Especificar as necessidades de projetos complementares ao arquitetônico, solicitando a contratação e acompanhando da elaboração;
 - Acompanhar e supervisionar, sempre que necessário, o andamento das obras dos projetos realizados pelo setor;
- Coordenar a elaboração do plano diretor do espaço físico da instituição;
 - Zelar e manter atualizados os arquivos referentes às informações projetuais do espaço físico da Instituição;
 - Realizar o desenho de arquitetura dos projetos desenvolvidos; Realizar a compatibilização entre os projetos de arquitetura e complementares.

Atualmente, esse setor é responsável por todos os projetos de criação e/ou remodelação do campus, desde um simples *lay-out* até um novo edifício multiuso.

Responsável, também, pelo planejamento urbanístico da instituição, o Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos coordena a elaboração de todos os projetos complementares necessários, fazendo o intercâmbio

bio entre universidade, projetistas, engenheiros e demais prestadores de serviço.

O setor já teve a atribuição da execução das obras do campus, o que não ocorre mais. Esta função passou a ser executada pelo Setor de Engenharia, pertencente ao Departamento de Apoio Logístico, após a Reforma Administrativa, colocada em prática em 2007.

4.1.7. A Atividade de Decisão sobre os Projetos na Universidade

Segundo o próprio reitor, através da chamada Gestão Compartilhada, a direção da universidade se reúne para pensar o que se almeja e espera de determinado setor da universidade ou atividade acadêmica. Procura-se pensar o que se pode melhorar e quais as condições físicas necessárias para isso. A seguir, a Pró-Reitoria de Administração e Finanças procura verificar a viabilidade financeira das intervenções necessárias. A partir daí, chama-se o Setor de Projetos para atender a essa determinada demanda.

Para a gestão da universidade, a principal razão que provoca um projeto na instituição são as pessoas. A partir disso se começa a pensar no que as pessoas precisam para ser plenamente atendidas pela universidade. Por exemplo: ambiente de estar com bancos em um caminho mais prolongado entre blocos de ensino da universidade.

De outro modo, qualquer que seja a demanda e sua origem, deve passar pelo conhecimento da Pró-Reitoria de Administração e Finanças. Esta analisa a real necessidade e a viabilidade para as solicitações. Procura, junto a reitoria, estudar as colocações e justificativas apresentadas pelo solicitante. Após o entendimento acerca do tema proposto, o Setor de Projetos é acionado para a elaboração dos projetos. Segue com discussão com os interessados, apresentação de ante-projetos até a idéia final executiva. Após todo o processo, o projeto segue para encaminhamentos de orçamentos e obra

É importante afirmar que no processo da hierarquia que controla as decisões, hoje, na universidade, a questão de valores disponíveis ainda não é clara. Isso, sequer é apresentado ao Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos, que tem que trabalhar com bases abstratas. Porém, através de entrevistas, ambos os lados – Reitoria e Coordenação do Setor de Projetos – falam no mesmo tom: É importante que, antes do início do projeto de arquitetura, sejam conhecidos os valores disponíveis para o empreendimento.

4.1.8. As Influências do Poder Decisório da Administração Universitária na Execução das Obras da UNESC

Para o entendimento do andamento do processo de efetivação do projeto em obra, demonstra-se o curso que o projeto segue.

Após apresentação do projeto à reitoria e, devida aprovação, segue-se para o orçamento da obra.

Os orçamentos de obras, na UNESCO, são feitos pelo Setor de Obras, vinculado ao Departamento de Apoio Logístico. São solicitados um mínimo de três orçamentos para cada obra. Estes são reunidos pelo Setor de Engenharia (Obras) e encaminhados para o Setor de Compras.

O Setor de Compras define o selecionado através do menor preço. Baseado na Lei Federal 8666, de 1993, a UNESCO se utiliza de mecanismos adotados por autarquias e órgãos públicos para compras, licitação e contratação. Após essa definição, o Setor de Compras encaminha os custos para o Setor Financeiro.

O Setor Financeiro analisa os valores envolvidos em uma obra. Juntamente com a Pró-Reitoria de Administração e Finanças procura articular e viabilizar os valores de acordo com a disponibilidade financeira da instituição. Ali se decide o prosseguimento ou não da contratação ou compra. Uma vez aprovado, o processo retorna ao Setor de Compras que irá exercer os trâmites para a devida contratação de serviço ou compra de material. Em caso de obra, o Setor de Compras faz a chamada ao prestador de serviço e o encaminha ao Setor de Engenharia (Obras).

O Setor de Engenharia (Obras) irá acompanhar todo o processo executivo, tendo a atribuição de fiscalizar o andamento dos serviços, buscando soluções e detalhes de obra, junto ao Setor de Projetos. Não cabe ao Setor de Engenharia (Obras) fazer proposições que alterem os projetos aprovados. Este setor tem o caráter de representar a gestão da universidade na efetivação das obras do campus.

A seguir, apresenta-se o objeto de estudo de maneira específica, demonstrando suas principais características, de modo a situar o tema no conjunto do trabalho.

4.2. Histórico e Problema

O projeto da Praça do Estudante é uma intervenção urbana, instalada na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESCO (fig. 04), que afeta toda a cidade de Criciúma. Apesar de estar localizada dentro da instituição, a praça afeta todas as pessoas que circulam no bairro Universitário, pois se utilizam da praça como espaço de circulação e convivência.

A universidade possuía uma área remota e deserta em pleno centro do campus, isolando edificações, usuários e equipamentos. Ainda, como se trata de uma universidade de caráter comunitário, sem fins lucrativos, teve-se a redução de custos de obra como uma das premissas.

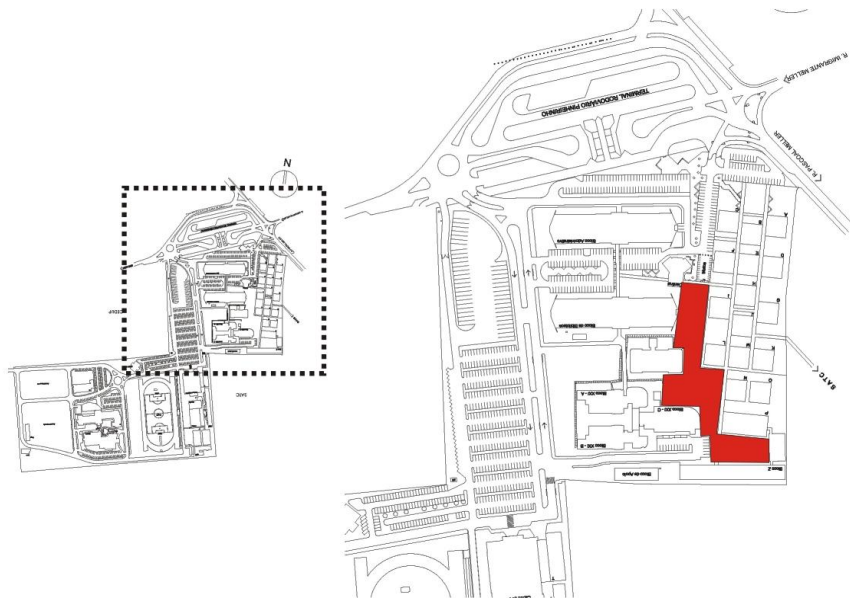


Fig. 04: Campus UNESC, com destaque para área da Praça do Estudante. (UNESC, 2008).

A Praça do Estudante era um sonho antigo da universidade, segundo depoimento do reitor (VOLPATO, 2009). Com uma área de 6.000 m² (seis mil metros quadrados), esse espaço precisava ser urbanizado e equipado com soluções de convivência e circulação para produzir a grande articulação do campus. Era um centro descaracterizado que carecia de um olhar de arquiteto para compor a malha dessa grande rede de ensino.

Como estratégia da gestão universitária, optou-se pela construção em etapas. Inicialmente, eram duas etapas: A primeira etapa compreendia a área entre os Blocos “P” e “Z”. Essa praça apresenta a implantação modelo, que deveria ser seguida na implantação global do conjunto. Já a segunda, compreendia a totalidade da área entre esses Blocos e a Cantina mais antiga da universidade (Cantina Dona Santina).

A seguir, será apresentada a praça, com a idéia inicial e a modificação, como foi implantada, conforme figuras 05a e 05b.

O projeto teve início em dezembro de 2007, se estendendo até dezembro de 2008. Já a obra, iniciou em agosto de 2008 e encerrou em junho de 2009.

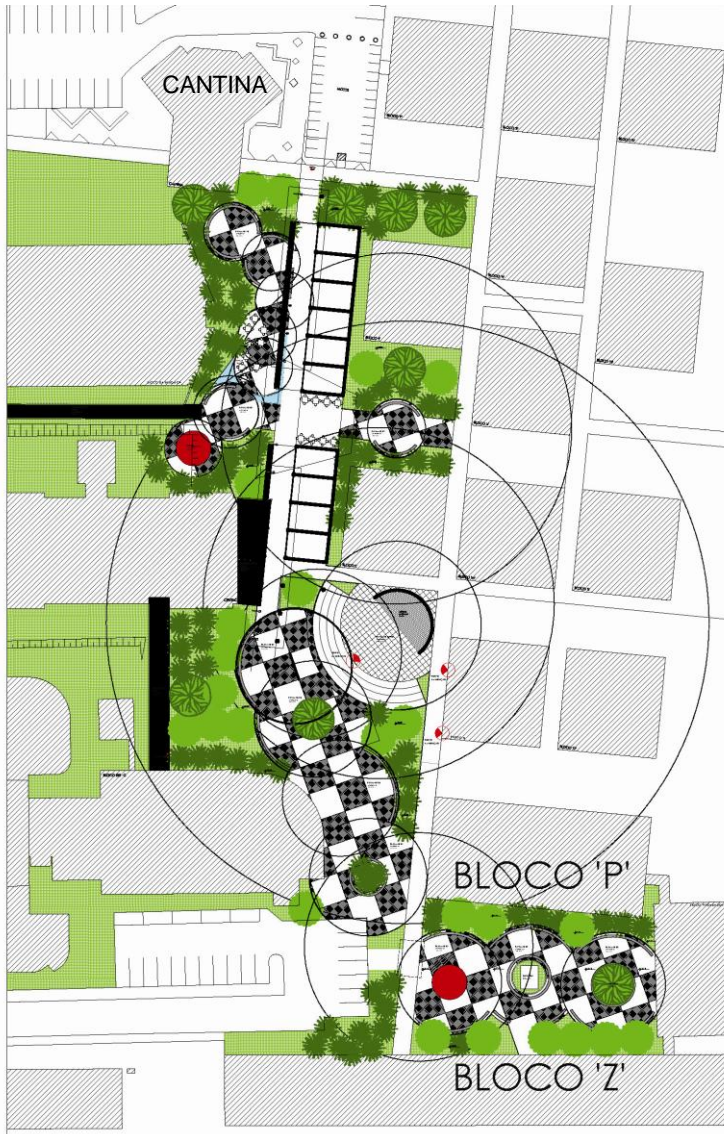


Fig. 05a: Projeto global original.
(SEPAU/UNESC, 2007).

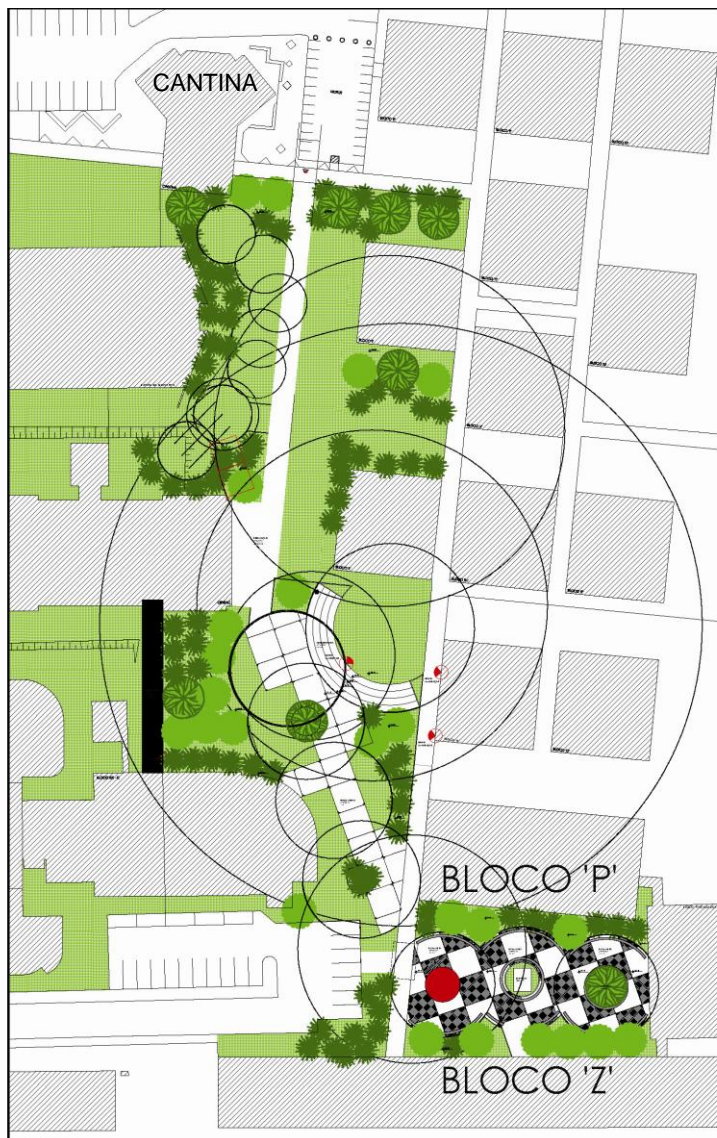


Fig. 05b: Projeto global com modificações: reduções de ambientes e áreas pavimentadas. (SEPAU/UNESC, 2008).

4.3. Primeira Etapa: Praça “P/Z”

Proposta como projeto modelo de praça para a intervenção global, na recomposição urbanística da instituição, a Praça entre os blocos “P” e “Z” (fig. 06 e 07) foi a mais nova referência para a ocupação das áreas de articulação entre os blocos na universidade.



Fig. 06: Praça “P/Z”: início da obra.
(2008).



Fig. 07: Praça “P/Z”: obra finalizada.
(2009).

O projeto tem como premissas básicas o respeito à vegetação já consolidada, as ligações entre as edificações do campus, a efetivação dos passeios e circulações já utilizados pelos usuários da instituição.

A praça “P/Z” demonstra uma nova ação construtiva na instituição. Os objetivos de desenvolvimento do campus, organizados pela gestão administrativa da UNESC, são apresentados através da Praça “P/Z”. A UNESC inicia a fase de revitalização do campus, com a importância que tal ação merece.

4.4. Segunda Etapa: Praça do Estudante

Segundo o projeto, a Praça do Estudante ainda possui o Centro de Convivência, a Concha Acústica, e diversos outros elementos de estar e convívio.

A segunda etapa sofreu redução nas ações de implantação, retirando da pauta atual de obra os ambientes citados.

Vale ressaltar que a segunda etapa atrasou as obras (fig. 08 e 09), em seis meses devido ao excesso de chuvas ocorrido na região Sul do Estado de Santa Catarina, na época da construção.



Fig. 08: Obra na Praça do Estudante.
(2009).



Fig. 09: Obra na Praça do Estudante.
(2009).

Destaca-se que, mesmo com a implantação em etapas, a instalação da grande Praça do Estudante modificou de maneira expressiva o campus da instituição. A facilidade de apropriação e o choque visual são sentimentos já explorados durante a obra.

4.5. Demais Etapas: Centro de Convivência

Apesar do projeto de arquitetura já contemplar toda a implantação da Praça Central e Centro de Convivência, a sua construção efetiva deverá ser implantada por etapas ainda não definidas por completo.

O Centro de Convivência (fig. 10 e 11) foi projetado para suprir a demanda por pontos de comércio e de serviços dentro do campus. Sua execução em projeto foi prevista de maneira auto-suficiente, como um possível gerador de receitas para a sua construção, bem como, de toda a Praça do Estudante. Porém, o planejamento exposto no projeto de arquitetura, difere do planejamento da gestão administrativa da instituição.

A Concha Acústica também é uma demanda antiga dos estudantes da universidade. A necessidade por espaços de expressão cultural é repetida, de tempos em tempos no campus. Sua implantação vem de encontro a essa necessidade, além de auxiliar na composição da praça. Exemplifica-se isso através da utilização das arquibancadas como degraus, formando uma grande escadaria que possibilita a circulação mais rápida entre algumas

edificações. São maneiras, previstas em projeto, de se maximizar os usos dos bens coletivos, facilitando sua conservação.



Fig. 10: Croqui de idéia para o Centro de Convivência, envolto pela Praça do Estudante. (SEPAU/UNESC, 2007).

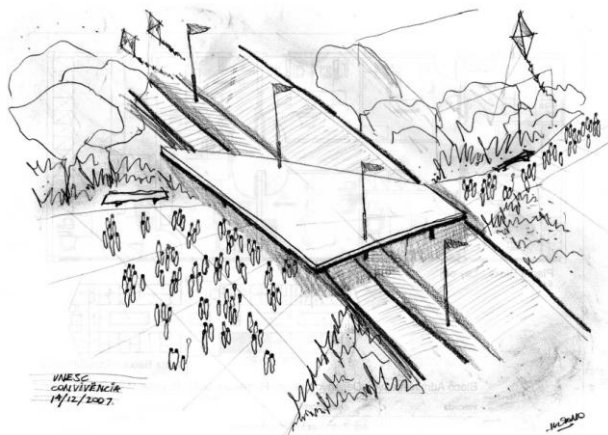


Fig. 11: Croqui de idéia para o Centro de Convivência, envolto pela Praça do Estudante. (SEPAU/UNESC, 2007).

Os demais espaços não contemplados ainda nas etapas de construção são ambientes de estar e áreas de pavimentação que foram reduzidas. Os ambientes de estar formam um conjunto de convívio que compõe todo o complexo da Praça do Estudante. São elementos formadores e estruturadores do conjunto.

Através da explanação fica claro que as ligações, circulações e a real apropriação do lugar construído pelos usuários ficarão comprometidas até a conclusão das etapas de implantação. Isso é evidente porque o projeto de arquitetura não compreende a construção, conforme compreende e planeja a gestão da instituição.

5. SISTEMATIZAÇÃO DE RESULTADOS

Com o decorrer do trabalho, foi preciso, constantemente, a compilação dos dados colhidos – leituras, entrevistas, registros de visitas *in loco*, dentre outros.

A sistematização, também, compreendeu:

5.1. Apropriação do Material Coletado

Agiu-se com a busca e execução de cópias de documentos – como os projetos de arquitetura –, relação de entrevistas, acesso à acervos fotográficos, de mapas e demais documentos de interesse para a pesquisa, visando comprovações para as exposições que foram feitas.

Os projetos de arquitetura serviram para se fazer um comparativo entre as datas e respectivas etapas apresentadas com os processos de mudanças de projeto. Na tabela 5.1 pode-se observar um histórico dos projetos que envolvem a Praça do Estudante, através das datas e fases de trabalho, que a investigação conseguiu apurar.

Tabela 5.1.: Histórico dos projetos que envolvem a Praça do Estudante

Data	Objeto	Fase	Intervenção	Justificativa
11/01/2008	Praça "P/Z	Projeto original	Emissão inicial	Solicitação de uma praça entre os Blocos P e Z.
12/12/2007	Centro de Convivência	Projeto Original	Emissão inicial	Solicitação de um centro comercial no campus.
14/07/2008	Centro de Convivência	Projeto Original	Emissão final	Composição com a Praça
27/05/2008	Praça do Estudante	Projeto Original	Emissão Inicial	Urbanização do campus
14/07/2008	Praça do Estudante	Projeto com detalhes	Emissão intermediária	Necessidade de detalhamentos, como paginação de piso.
18/12/2008	Praça do Estudante	Projeto executivo alterado	Emissão final	Redução de 50% de área pavimentada e subtração de equipamentos

A entrevista realizada com os atores descritos no capítulo de método foi semi-estruturada. O uso da entrevista semi-estruturada facilitou a obtenção das respostas de modo mais informal, coletando-se dados a partir de perguntas abertas que se complementavam pelas respostas dadas, já esperadas. Em anexo, apresenta-se um modelo de entrevista realizada na execução da pesquisa. As entrevistas foram um modo eficaz de se conhecer diretamente quais eram os anseios dos gestores da instituição com a criação da demanda pelo projeto da praça. Também, surgiram sugestões e críticas de como avançar na relação entre gestão da universidade e projetos de arquitetura para a instituição.

Já os demais materiais coletados aparecem ao longo do trabalho, servindo para esclarecimentos e localização dos assuntos tratados. Podem ser citados os mapas e fotografias fornecidos pela instituição.

5.2. Análise dos Registros Efetuados

Aconteceu o trabalho de avaliação de tudo o que foi coletado *in loco*, nas visitas externas, bem como, nos setores universitários e pessoal responsável, visando o esclarecimento dos questionamentos propostos, permitindo o melhor aproveitamento do processo de produção e pesquisa adotado.

Um dos registros efetuados é apresentado na figura 12. Através do gráfico é possível se fazer a avaliação do tempo dispensado para produção do projeto de arquitetura da Praça do Estudante. A partir disso, percebe-se a perda de recursos que se faz presente quando da necessidade do retrabalho.

Através do endereço eletrônico – *site* – da universidade foi possível a obtenção de muito material sobre a instituição, apresentando as atribuições de quase todos os setores pesquisados. O Setor de Projetos foi uma exceção. Suas atribuições e demais informações somente foram esclarecidas com a visita ao próprio setor.

Nas visitas externas, efetuadas na cidade de Curitiba, Estado do Paraná – em universidades e no escritório do arquiteto responsável pelos respectivos projetos – foram feitos registros fotográficos e conversas informais utilizados na formulação dos textos, inseridos em anexo. Essas visitas serviram para se visualizar a realidade disposta em outra universidade de caráter comunitário sem fins lucrativos e em uma privada, para efeitos comparativos com a realidade encontrada na UNESC.

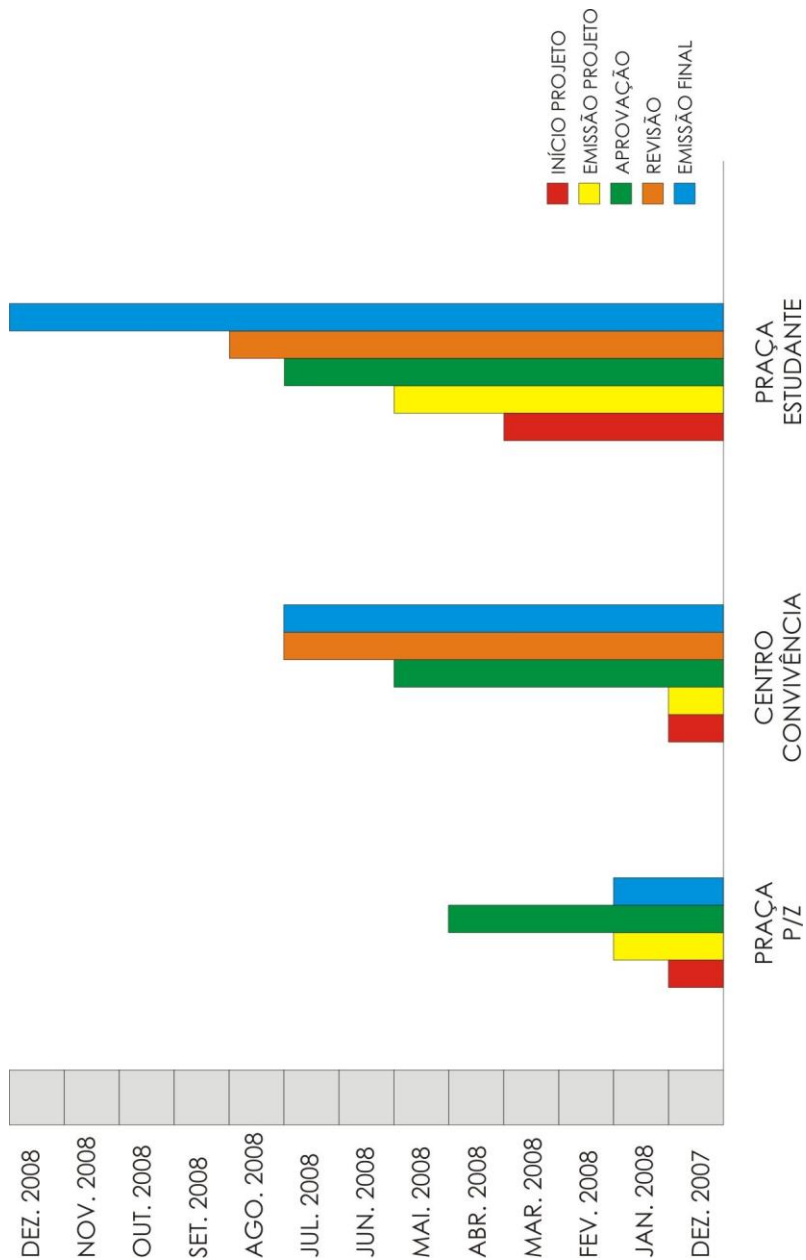


Fig. 12: Registro do tempo de trabalho sobre as etapas de projetos que envolvem a Praça do Estudante

5.3. Análise de Documentação

Buscou-se a elucidação dos documentos coletados sempre procurando os responsáveis para maiores esclarecimentos e validação das informações. Assim também, a influência desses documentos nos objetos de estudo.

A análise de documentação serviu para se comparar o objeto idealizado com o objeto construído. Através disso, pode-se entender algumas razões de críticas existentes no objeto, porém que tinham soluções dispostas em projeto. Essas disposições não foram mais atendidas devido às reduções impostas ao projeto. Como exemplo, tem-se a baixa densidade de caminhos pavimentados. A grande maioria da área construída recebeu forração com grama (fig. 13).

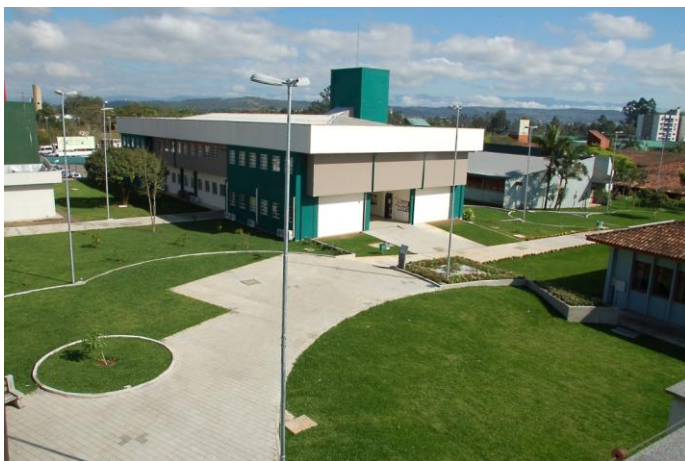


Fig. 13: Vista aérea da Praça do Estudante: baixa densidade de áreas pavimentadas. (2009)

Registra-se que a autoria foi sempre preservada.

5.4. Organização Geral

O arquivamento e catalogação de tudo o que foi coletado e registrado foi fundamental para o melhor desenvolvimento do trabalho.

As referências bibliográficas foram todas fichadas e catalogadas para novas consultas a qualquer momento.

Os projetos de arquitetura, em todas as suas fases de desenvolvimento, foram copiados e arquivados. A observação desse material foi cons-

tante durante toda a pesquisa. Os projetos pesquisados estão compreendidos na tabela 5.2.

Tabela 5.2.: Projetos de arquitetura pesquisados e arquivados em acervo.

Objeto	Tipo	Data
Praça "P/Z"	Arquitetura	Janeiro / 2008
Centro de Convivência	Arquitetura	Dezembro / 2007
Praça do Estudante	Arquitetura Original	Maior / 2008
Praça do Estudante	Arquitetura Final	Dezembro / 2008

Procurou-se, também, com a pesquisa, gerar um acervo de apoio aos projetistas que, no futuro, exerçam essa atividade, sem extinguir as possibilidades de novas pesquisas sobre um assunto muito amplo, como o que foi abordado.

6. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

6.1. Histórico de Desenvolvimento de Projetos de Arquitetura, da UNESCO

As solicitações de projetos de arquitetura na UNESCO são atendidas pelo Setor de Projetos da instituição. A demanda deve, antes, ser analisada pela Pró-Reitoria de Administração e Finanças, a quem cabe elencar as prioridades e reais necessidades de cada caso. A partir daí, o Setor de Projetos conversa com os envolvidos interessados e desenvolve os projetos.

Na prática, muito da demanda por projetos aparece diretamente no Setor de Projetos. Através de registro, por correio eletrônico, já é possível se fazer um pedido de projeto. Todas as solicitações são re-encaminhadas para a Pró-Reitoria, em reuniões semanais de trabalho.

Para a formação da pauta de trabalho, junto a Pró-Reitoria de Administração e Finanças, além da importância do trabalho, necessidade real de projeto e mudanças em algum setor da instituição ou modificação devido a alteração do uso, vale muito a pressão de poder político do solicitante na instituição.

Muitas vezes, a pressão exercida sobre determinada demanda por projetos não é tão nítida. Pode ocorrer por escala de hierarquia – onde o ocupante de um posto superior determina ordens sobre o seu subordinado –, determinando a ação de poder por comando, ou por ação financeira, desde que o proponente disponha de caminhos para obtenção de recursos externos às fontes de receita da universidade, seja para o projeto específico, ou, seja, para outros propósitos da própria instituição. Por exemplo, um laboratório que seja um prestador de serviços para a comunidade em geral, obtendo recursos financeiros extras.

O que se observa é que a demanda por projetos de arquitetura na instituição deve vir acompanhada de uma justificativa clara e forte de necessidade, além da proposta de viabilização, seja na esfera de poder ou na esfera financeira.

A demanda ainda pode vir da própria reitoria. A proposta para áreas comuns coletivas de urbanização, espaços de estar, templo ecumênico, comunicação visual do campus, dentre outros, são exemplos de necessidades por projeto vindos da direção da universidade. Geralmente, estes pedidos têm prioridade sobre os demais, uma vez que são colocados, dessa forma, já na origem.

Depois de aceitos e colocados em ordem de prioridade, os projetos são desenvolvidos pelo Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos, através da equipe já descrita em capítulo anterior. Ali, são definidos os envolvidos no processo que irão avançar até uma proposta aceita pelo coordenador do setor. Isso se dá com discussões entre os técnicos envolvidos, bem como, com os solicitantes dos projetos.

A partir de aprovado pelas partes envolvidas, o projeto segue para orçamento, que serão feitos em número de três, com duas linhas distintas:

1. Em caso de obra, o orçamento é realizado pelo Setor de Obras;

2. Em caso de mobiliário, o orçamento é feito pelo próprio Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos.

Esses orçamentos são, então, encaminhados para o Setor de Compras, da universidade, que opta pelo de menor preço.

A partir daí, o processo pode chegar ao final com a obra e montagem, ou parar por ordem da própria Pró-Reitoria de Administração e Finanças, que analisará, agora, a viabilidade econômica do processo.

Nesse ponto, a ação de poder, político ou hierárquico, pode ser determinante mais uma vez para o andamento do processo até o seu final. O interessado direto no projeto pode agir diante da Pró-Reitoria trazendo argumentos, ou simplesmente, utilizando de seu posto hierárquico dentro da instituição para fazer cumprir sua demanda.

É importante destacar que, na universidade, a responsabilidade e ciência dos fatos já não cabe ao Setor de Projetos, que se desvincula do processo, não tomando mais conhecimento do destino das solicitações desenvolvidas. Fica claro tal fato quando o setor é procurado pelos solicitantes, que buscam saber os motivos por ainda aguardarem determinada obra ou serviço que ainda não ocorreu. Na maioria das vezes, o Setor de Projetos já cumpriu sua etapa no processo e não tem mais parte no assunto. Não conhece, realmente, o que se deu após o desenvolvimento do trabalho de projeto e orçamento.

6.1.1. Histórico de Desenvolvimento de Projeto da Praça do Estudante:

A solicitação do projeto de arquitetura partiu da direção da UNESC, por meio da Pró-Reitoria de Administração e Finanças.

Em uma das reuniões semanais entre o Pró-Reitor e o Coordenador do Setor de Projetos, fora colocada em pauta a necessidade de urbanização do campus. Isso deveria servir para fomentar o convívio social entre os usuários da universidade, até então, isolados em cada bloco de ensino, específico de sua área. Além disso, era necessário a ligação física entre alguns pontos da universidade, fazendo as ligações acontecerem de maneira transversal no desenho do campus, uma vez que sua locação se dá de maneira longitudinal no terreno (fig. 13).

A urbanização proposta deveria acontecer no espaço central do campus até então. Uma região árida, sem uso, no coração da instituição. Isso denegria a imagem da UNESC para seus usuários, bem como, visitantes. Era necessário a criação de uma urbanização para servir de composição do espaço aberto coletivo, com a mesma idéia de importância de uma edificação.

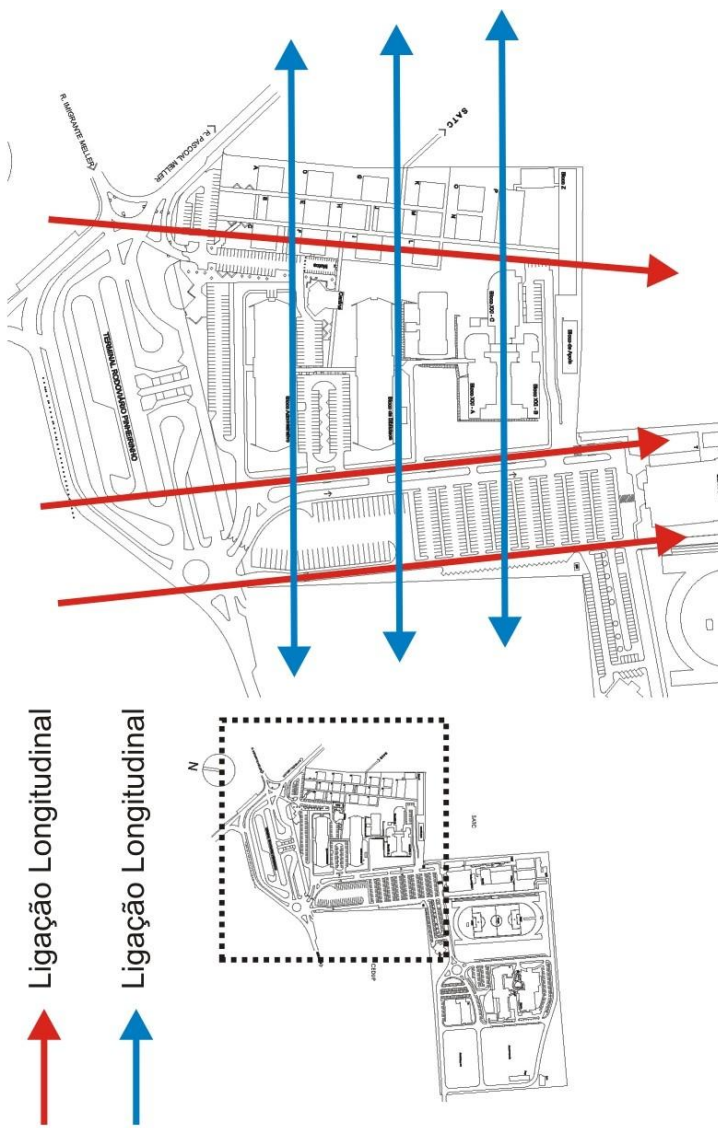


Fig. 14: Campus UNESC, com destaque para área da Praça do Estudante: ilustração das ligações longitudinais predominantes até a inserção da praça, que trouxe transversalidade ao campus. (UNESC, 2008).

A proposta de implantação da praça se dava em duas etapas distintas:

Primeira etapa: execução de uma praça entre dois blocos de ensino (Bloco "P" e Bloco "Z") (fig. 14 e 15);

Segunda etapa: execução da praça que tomasse toda a área central do campus.

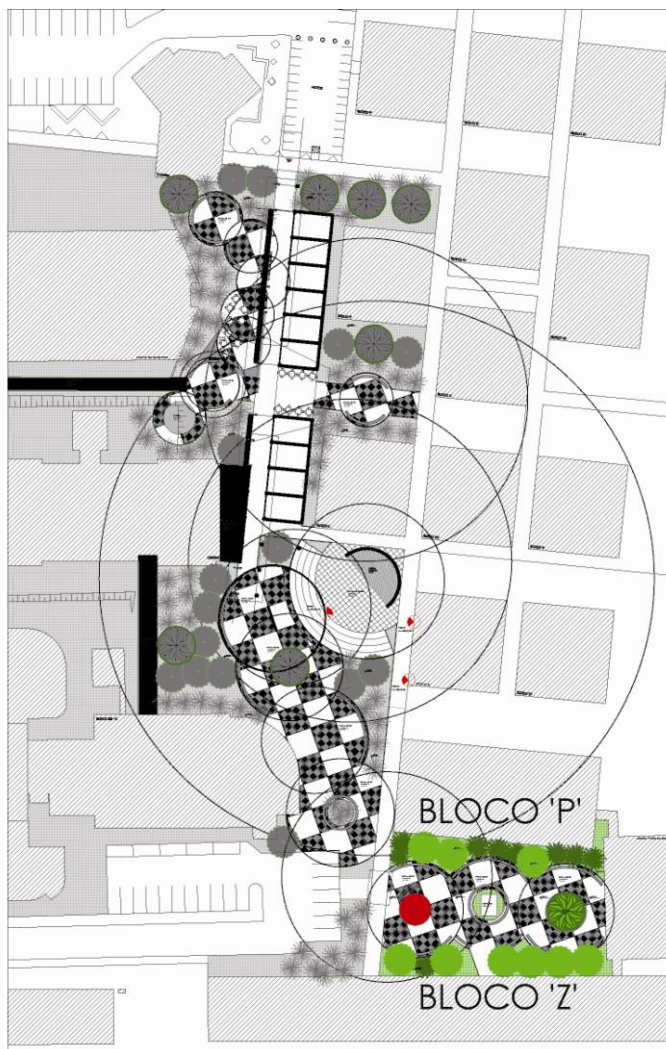


Fig. 15: Projeto global original. Destaque para a primeira etapa: Praça "P / Z". (SEPAU/UNESC, 2007).



Fig. 16: Projeto da primeira etapa: Praça "P/Z". (SEPAU/UNESC, 2007).

Vale ressaltar que a primeira etapa tinha o caráter de servir como modelo para as demais intervenções urbanísticas do campus da instituição. O desenho de piso e equipamentos, como bancos, seriam utilizados nas novas ações de urbanização do campus.

Com a execução da segunda etapa, estaria formada a chamada Praça do Estudante.

Juntamente com a idéia de formação da Praça do Estudante, a reitoria solicitou o projeto de um centro comercial, a se chamar Centro de Convivência. A idéia era locar ali todos os pontos comerciais da instituição, como livraria e copiadora, além de atrair outros, como café, correios, lotérica, etc. O projeto deveria prever uma obra de fácil e rápida execução, para, rapidamente, se colher lucros que viabilizassem todo o restante urbanístico.

No projeto de arquitetura, tudo isso foi pensado. As especificações dispostas em projeto apresentam a composição do centro comercial permitindo a construção em etapas, conforme se dessem as vendas dos pontos comerciais individualmente. O projeto procurou, desde o início, viabilizar a sua própria construção, conforme a idealização passada pela reitoria. Por outro lado, a reitoria não foi clara quanto ao seu planejamento de implantação. Não esclareceu os métodos que utilizaria. Assim como, em nenhum momento apresentou os valores que poderia investir. O projeto sempre caminhou sem tomar conhecimento da real viabilidade estratégica e eco-

nômica visualizada pela direção da instituição. Isso pode ser um ponto de força pelo poder: retirar do processo a intenção do arquiteto no projeto, substituindo pela intenção da força envolvida. Deveria ser um ponto a ser revisto em projetos amplos que envolvam, diretamente, a direção da instituição e o setor técnico que elabora os projetos para as universidades. Tomado, como exemplo, para projetos e futuras obras e equipamentos de instituições universitárias.

O projeto da Praça do Estudante partiu da idéia de composição do Centro de Convivência. Ele gerou as primeiras formas que iriam moldar toda a praça. Como exemplo, tem-se a grande circulação linear, no sentido longitudinal, que se manteve durante todo o processo até a execução da obra.

Com a execução da primeira etapa da praça, muitos cortes aconteceram no projeto da segunda etapa. A primeira remoção foi a do Centro de Convivência, tido como possível gerador de renda, mas que a direção da universidade, entendeu não dispor de recursos financeiros para sua execução. Além disso, as áreas de pavimentação e estares foram reduzidas em torno de 50% (cinquenta por cento). Para tanto, foi solicitado ao Setor de Projetos que avaliasse em que termos e locais, poderiam acontecer as reduções. Em meio a isso, o projeto foi preparado com as reduções, porém, de forma a permitir sua complementação integral no futuro.

6.2. Histórico do Planejamento Gestor da Praça do Estudante – UNESC

Em entrevista com o reitor da universidade, soube-se que o orçamento da obra, sobre o projeto completo, ultrapassou três vezes mais o orçamento previsto pela gestão da instituição. Segundo suas palavras: "... não deu para fazer o ideal." (VOLPATO, 2009). Ao mesmo tempo, a reitoria entendendo das necessidades abortadas com a redução do projeto, procurou solicitar um novo projeto que preservasse as características básicas estruturadoras, para que se pudesse, no futuro, complementar a obra.

Segundo o reitor, a idéia de praça, em si, já é assimilada pelas pessoas que ali passam. Portanto, acredita na alternativa correta, em se fazer a contenção do projeto completo naquele momento. Tem-se a praça constituída em si, sem desprezar sua continuidade e complementação, fazendo parte do planejamento da instituição. Por exemplo, tem-se a constituição do projeto da concha acústica como próximo passo de implantação, dando continuidade ao programa elaborado pela gestão universitária na origem do processo.

Através da sondagem junto a direção da instituição articulou-se a hipótese dos projetos de arquitetura, em universidades, serem trabalhados, já na origem, pensando-se na execução da obra por etapas. Porém, o retorno recebido é de que o projeto já deva trabalhar com a ciência do orçamento disponível para cada programa. Segundo o próprio reitor, o orçamento disponível pela gestão da universidade, deve ser disponibilizado para o

Setor de Projetos, sempre que se apresentar a demanda. “Isso evitaria o re-trabalho”, afirma o reitor. (VOLPATO, 2009).

Analisando as considerações observa-se caminhos distintos na instituição. Ao mesmo tempo em que o reitor afirma que deve-se disponibilizar os orçamentos ao Setor de Projetos, tais valores nunca foram divulgados. Percebe-se que, em algum ponto da gestão da universidade, essa comunicação é subtraída, ou até mesmo, desprezada. Talvez a intenção da organização esteja emperrando em algum trâmite burocrático da instituição. Além disso, é sabido que a cultura brasileira não aprecia a exposição de valores. Entende-se que alguma ação de poder com fundamento financeiro, nas situações discorridas sobre gestão e projeto, não possua interesse na divulgação e socialização do trabalho em conjunto, como parceria.

De outro modo, o reitor entende que o planejamento de como se pode implantar o projeto já deveria partir da gestão universitária. Os gestores já deveriam passar ao Setor de Projetos a indicação de períodos e etapas que se imagina para a implantação daquele projeto específico, quando solicitado. Segundo o reitor, falta diálogo entre a gestão e o setor que projeta a universidade. Falta, também, uma análise financeira, pela reitoria, do que se pretende implantar na universidade, antes que se passe a demanda aos projetistas. Muitas vezes, não se passa a informação de valores envolvidos justamente porque não se tem idéia de quanto a universidade quer investir ali.

O reitor aponta como o planejamento gestor e de projetos são necessários para o bom andamento de uma instituição. E a qualidade do trabalho de arquitetura em equipamentos universitários passa por esse caminho. “Quanto mais se planeja, menos mudanças de percursos vamos ter”, resume. (VOLPATO, 2009).

Outro ponto que se apresenta é a diferente linha de pensamento e lista de objetivos entre a gestão universitária e os responsáveis pelos projetos dessa universidade. São visões e interesses diferentes. Uma forma de viabilizar a elaboração de projetos que serve para os projetistas pode não servir para os gestores, e vice-versa. Isso é normal e comum acontecer, mas poderia ser levado ao conhecimento dos dois grupos expostos aqui, em formas de reuniões conjuntas, visando o consenso e visão comum. Isso iria enriquecer o processo e evitar trabalhos desnecessários (ver tabela 5.2). Tem-se economia de recursos humanos e financeiros.

6.3. Idéias Geradoras de Projeto – Praça do Estudante – UNESC

Como se trata de uma universidade de caráter comunitário, sem fins lucrativos, teve-se a redução de custos de obra como uma das premissas do projeto.

Segundo instruções do coordenador do Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos – SEPAU, o projeto deveria prever uma área comercial (fig. 16), com lojas de área em torno de 35 m² (trinta e cinco metros quadrados), que fosse de fácil e rápida execução. A implantação do centro

comercial deveria se dar linearmente (fig. 17), em posição lado-a-lado das lojas, em virtude de condicionantes físicos do terreno previsto para a construção. Ali, acontecia um estreitamento em virtude dos prédios vizinhos, implantados anteriormente, sem obedecer a um plano diretor.

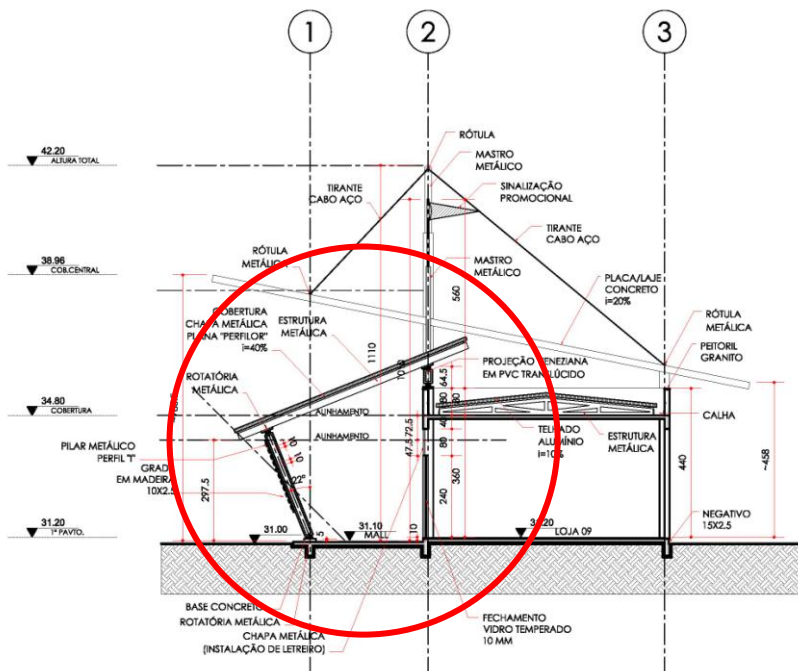


Fig. 17: Corte do Centro de Convivência. Destaque da circulação linear como objeto gerador da forma de maior valor arquitetônico. (SEPAU/UNESC, 2007).

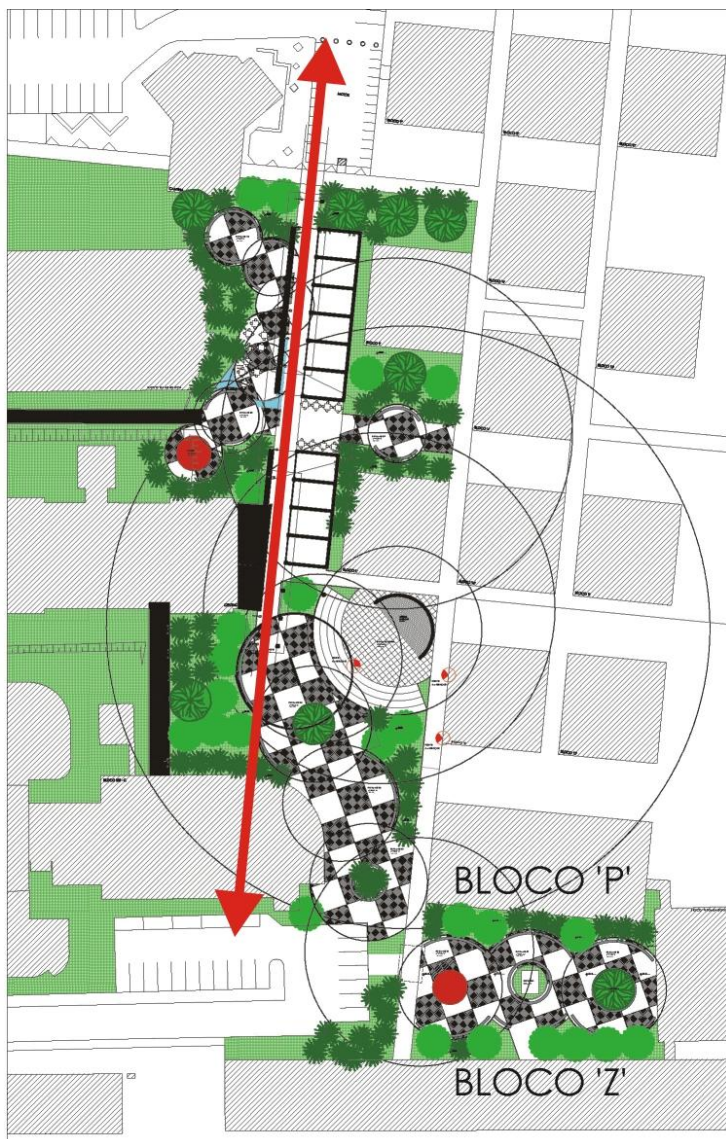


Fig. 18: Projeto global original. Destaque para a circulação linear que definiu a implantação (SEPAU/UNESC, 2007).

Com o desenvolvimento do centro comercial – chamado Centro de Convivência – todo o entorno sofreria uma urbanização, formando a Praça do Estudante, permitindo a constituição daquele espaço, como um lugar de estar e passagem para os usuários da universidade.

Devido às reduções e limitações impostas ao projeto, posteriormente, o foco voltou-se inteiramente para a modulação da paisagem e criação da Praça do Estudante. Um objeto secundário a formação e ocupação daquela área, porém, que agora, viria a compor o espaço de maneira principal. Com a criação da ambientação necessária a formação da universidade, o desejo inicial de mudança de características de uma área vazia em pleno centro do campus seria, igualmente, contemplado.

Projetada, então, para criar uma paisagem em uma das áreas mais nobres do campus da UNESCO, a Praça do Estudante partiu do intuito de valorizar ainda mais a instituição, demonstrando sua intenção de promover a convivência entre seus usuários.

A praça a ser instalada no coração do terreno da universidade viria proporcionar novos ambientes de estar e contemplação para a instituição, promovendo as trocas sociais, além de possibilitar a fácil ligação entre os diversos prédios.

Com uma nova proposta de harmonização da convivência do campus, a Praça do Estudante teve uma implantação peculiar. Respeitou as árvores já existentes, promovendo a plantação de muitas outras espécies nativas (fig. 18). Toda a vegetação disposta é frutífera. Dessa maneira, permitirá a interação plena com o usuário, possibilitando a colheita de frutos, de acordo com a estação. Além disso, dispõe de espelho de água, estares temáticos e diversos espaços para instalações de artes plásticas.



Fig. 19: Vista da Praça do Estudante: preservação das árvores existentes e inserção de espécies frutíferas nativas. (2009)

O Centro de Convivência, com lojas e cafés, e concha acústica para manifestações culturais diárias, devem servir, no futuro para constituir a praça como um importante fomentador cultural para todo o campus.

O trabalho de composição do espaço, sobre o tema de praça, como objeto de arquitetura, dotaria o terreno de equipamentos com função interativa com o usuário. Assim, também, o tratamento do espaço coletivo, de caráter público, fazendo parte de um ambiente universitário, que pode ser fechado em certos horários, com o intuito de ampliar o convívio e a relação interpessoal de toda a universidade.

A praça tem o piso que delimita funções; tem bancos que desenhem o ambiente; apropria-se da topografia do terreno, criando a sua própria em patamares; aciona os sentidos, como audição (espelho de água), olfato (floreiras concentradas e árvores frutíferas), visão (nas suas perspectivas e nas artes plásticas expostas); tato (nos seus diversos volumes construídos), dentre outros, estimulando a percepção sensorial inconsciente, que é a estética.

6.4. Anseios da Gestão Universitária

Entende-se que os projetos de arquitetura em universidades deveriam surgir dotados de mecanismos que pudessem satisfazer os anseios da gestão da instituição. No caso da UNESCO, além do Setor de Projetos, essa idéia também é compartilhada pelo reitor e pró-reitor de administração e finanças. “Quando tu construíres o projeto arquitetônico, já faz ele em sintonia com o pensamento dos gestores da instituição”, afirmaram. (VOLPATO, 2009). Eles já entendem que o projeto de arquitetura não deve ser mudado depois de pronto, a mercê de interesse de algumas pessoas. O projeto já deve iniciar alinhado com o pensamento dos gestores da universidade.

Segundo a reitoria, existe a preocupação constante com a urbanização e paisagismo do campus, além da procura por ambientes de estar e convivência para os alunos. Existe a preocupação para que os alunos e as pessoas que freqüentam o campus se sintam bem no ambiente universitário. Os gestores da instituição entendem que são necessários bons prédios, espaços de convivência qualificados. Segundo o reitor, as construções precisam estar em harmonia com os desejos, as necessidades, e as satisfações das pessoas. “Isso, de certa forma, é uma ideologia de gestão da universidade”, diz. (VOLPATO, 2009)

Segundo os gestores da universidade, entre os anseios físicos da gestão universitária aparecem elementos como praças, concha acústica, criação de espaços de convivência internos às edificações e externos, no intuito de fazer as pessoas se sentirem bem no ambiente da instituição. Isso é premissa de trabalho na gestão da universidade.

No objetivo da construção do espaço para a satisfação das pessoas, a UNESCO vem criando ambientes como a Sala dos Municípios, para o que os municípios da região tragam sua demanda de projetos para a universidade e utilizem esse espaço como um lugar de apoio aos seus respec-

tivos gabinetes. Também, criou a Sala dos Motoristas, pensando nos diversos ônibus que trazem acadêmicos de todo o sul de Santa Catarina. Até então, os motoristas ficavam em ócio completo. Agora, eles têm uma área de lazer própria para a ocupação das horas de espera dos alunos.

A gestão da universidade tem o objetivo de extrapolar seus limites, demonstrando aos municípios que a UNESCO pensa na melhoria do bem-estar das pessoas e quer dar suporte para isso. Quer mostrar que, além de diversas pesquisas direcionadas às pessoas, a instituição ainda oferece espaço físico para a utilização pelas prefeituras.

Ao mesmo tempo, a universidade quer fomentar a convivência em seu campus. Trazer as pessoas para seu interior, para mostrar todo o potencial que pode oferecer a comunidade para a prática do cotidiano.

A universidade tem o interesse de dar excelentes condições de trabalho para alunos e professores. A reitoria quer que as pessoas que vivem a instituição digam que se sentem bem nela. Assim, agora, também, desejam oferecer e ouvir isso dos prefeitos da região, segundo relata o reitor.

A UNESCO quer, com sua estrutura, dar suporte aos municípios para angariar recursos junto ao Governo Federal. Além disso, quer atuar no desenvolvimento desses projetos, após a aprovação dos recursos.

A instituição tem o intuito, pela sua gestão, de ser referência de excelência entre as comunidades interna e externa. Para isso, a reitoria sabe que precisa de um campus exemplar, que recaia sobre estrutura, conformação espacial, estética, condicionantes climáticos. Falando-se na Praça do Estudante, ela é diretamente responsável pela harmonia e pela ligação entre as edificações e conjuntos realizados em épocas distintas.

6.5. Razões da Interferência do Poder Gestor sobre o Projeto

Para se estudar as razões das interferências da gestão da universidade sobre o projeto leva-se em consideração dois aspectos: as interferências que ocorrem antes e durante o processo de elaboração de projeto e as interferências após a sua aprovação.

As interferências verificadas antes e durante o processo de elaboração do projeto são sempre na ordem de composição do programa de necessidades. As questões principais que surgem envolvem a área a ser construída, intenções e desejos a ser considerados, espaço físico disponível e público-alvo.

O caráter desejado para a universidade, pela sua direção, deve se refletir em formas para os projetos que compõem o campus. Este é o pensamento da reitoria da UNESCO. Por isso, cada projeto é acompanhado pelos envolvidos do setor específico, para que acompanhe de perto as propostas, além da supervisão da gestão da instituição. As interferências de projeto nesse momento, resultam das discussões feitas entre gestão universitária e membros dos setores envolvidos para que se posam buscar melhorias conjuntas para as ações de construção ou alteração da instituição.

Entende-se que essas interferências são todas positivas para o projeto de arquitetura. Dessa forma, se constrói a futura obra, em conjunto, possibilitando maior exatidão nas escolhas feitas, possibilitando aumentar o grau de satisfação do futuro usuário, a quem se destina o projeto.

Já as interferências do poder gestor que ocorrem após a composição final e aprovação do projeto executivo vêm desorganizar e desmerecer o processo todo que aconteceu até ali.

Tomando o exemplo da Praça do Estudante, segundo a reitoria, a decisão de interferir no projeto finalizado e solicitar novos rumos foi feita por questões financeiras. Segundo a direção, o custo de execução da obra para o projeto final ficou três vezes maior do que o esperado. A decisão do reitor naquele momento era de fazer a praça com menos equipamentos, ou abolir a intenção de iniciar a melhoria do campus.

Primeiramente, na proposição do programa para o projeto de arquitetura, a reitoria pensou no que seria o ideal como praça para o campus. Deixou essa idéia chegar até o nível de projeto executivo. Depois, com a elucidação dos custos, pensou na revisão do projeto, propondo diminuição nas áreas de pavimentação e número de equipamentos. Mas a proposta nova não poderia inviabilizar a complementação futura da praça, em caso de alteração do planejamento da instituição.

O intuito era construir algo que tivesse o caráter de obra finalizada, mas que, ao mesmo tempo, permitisse ampliação e complementação, conforme o projeto original. Isso não quer dizer que os projetos de equipamentos universitários devam ser pensados com possibilidade de implantação em etapas. O reitor afirma que os valores disponíveis para a execução de obras devem ser divulgados para os projetistas. O Setor de Projetos deve fazer parte da discussão sobre o planejamento físico da instituição, conhecendo os objetivos do ano e auxiliando na seleção das obras prioritárias e sua viabilidade, conforme o orçamento da instituição. Com isso, segundo o reitor, o Setor de Projetos já trabalharia conhecendo a realidade financeira, evitando-se o retrabalho.

6.6. As Influências do Poder Decisório da Administração Universitária no Projeto de Equipamento Universitário

A ação do poder gestor sobre os projetos de equipamentos universitários visa direcionar o foco do projeto para a demanda a ser atendida. O poder exercido aqui é a ação executiva de gestão, direcionada, segundo o planejamento global da instituição.

Tecnicamente, pensa-se ser importante as ações da direção de uma instituição sobre o projeto, na medida que essas ações sejam as fomentadoras do projeto de arquitetura em si. Serão as bases fundamentais a serem atendidas, na construção de um bom projeto. Um projeto que satisfaça os anseios da gestão universitária.

De outro modo, o projeto de arquitetura pode sofrer modificações por ordens superiores, através da ação do poder gestor. Essas modifica-

ções, quando forçadas sem embasamento técnico, deturpam o projeto de arquitetura, provocando a perda da qualidade da obra, já na sua origem.

Na Praça do Estudante, as influências da direção aconteceram no início e na mudança do processo. No início, a gestão da universidade atuou apresentando o programa já definido e local para implantação do equipamento. O projeto deveria seguir na direção previamente criada pela direção da universidade. A Praça iria integrar uma área central, porém inóspita, do campus. Até o ano de 2008, o terreno de implantação da praça era deserto (Fig. 19 e 20) e, praticamente, evitado por todas as pessoas que frequentam a instituição. Além disso, deveria prever, no mínimo, um centro comercial – Centro de Convivência –, estares e circulações de ligação entre os blocos de ensino, ali dispostos.



Fig. 20: Área de futura implantação da Praça do Estudante, da UNESC. Vista Longitudinal: Localização nobre do campus, ainda sem urbanização. (2008)



Fig. 21: Área de futura implantação da Praça do Estudante, da UNESC.
Vista Transversal: Localização nobre do campus, ainda sem urbanização.
(2008)

Dispondo das informações colocadas, o projeto foi iniciado, com base na demanda apresentada pela reitoria, segundo o coordenador do Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos, da UNESC. A área escolhida e o programa de necessidades básico foi seguido com fidelidade, segundo afirmou. O projeto de arquitetura não tentou fugir das premissas impostas pela reitoria. Ao contrário, buscou aprimorá-las atendendo aos anseios da direção da universidade, bem como, às normas técnicas de acessibilidade e construção.

Para a viabilização econômica da obra, a reitoria optou por fazer modificações ao projeto de arquitetura. O Centro de Convivência, principal idéia geradora do projeto, teve que ser retirado da propostas. Além deste, vários outros locais, como Concha Acústica, estares temáticos, assentos, bem como, grande parte da pavimentação de ligação entre os blocos foram suplantados. Do projeto, como concebido originalmente, restaram, basicamente, as formas de contenção dos lugares: vigas de contorno em concreto, que visam permitir a complementação futura da praça.

Apesar das mudanças, impostas pela gestão da universidade, o projeto da Praça do Estudante conseguiu manter sua idéia original, segundo o autor da proposta. “O eixo longitudinal é a coluna vertebral da praça que permitirá qualquer ampliação futura proposta no projeto original, inclusive o

Centro de Convivência”, afirma o coordenador do Setor de Projetos, da UNESCO (fig. 21). Através da manutenção dos eixos estruturadores e das vigas de contorno, como contenção da futura pavimentação, garante-se, de certo modo, a implantação do mesmo desenho proposto originalmente.

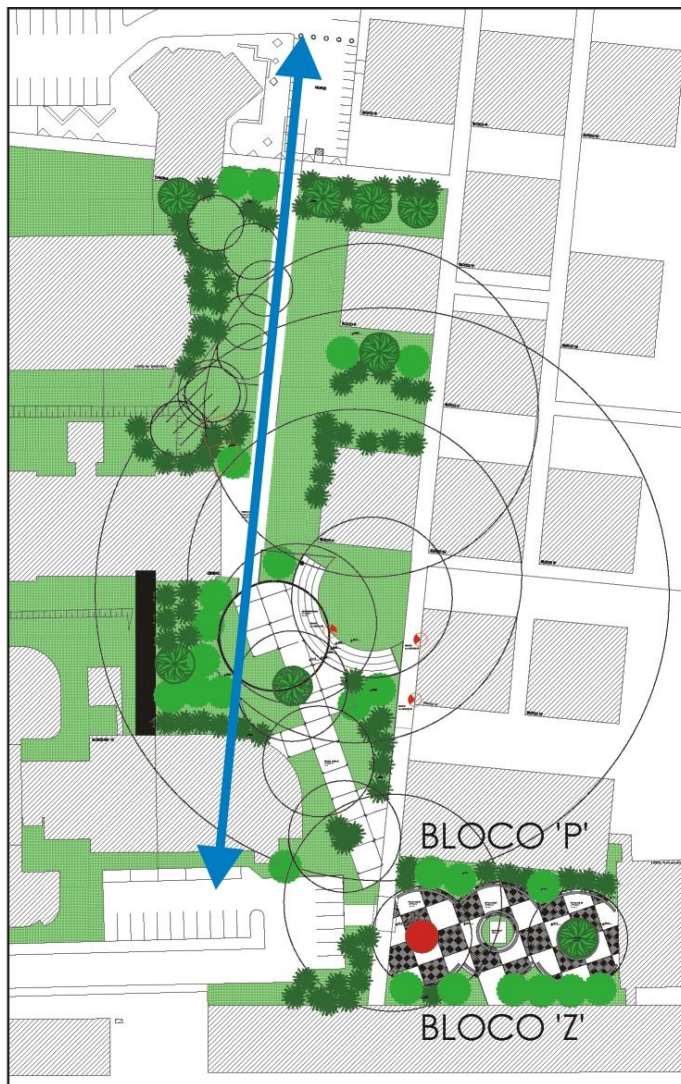


Fig. 22: Projeto global com modificações: manutenção do eixo longitudinal estruturador. (SEPAU/UNESC, 2008).

Através das entrevistas realizadas com a reitoria, em especial com o próprio reitor da universidade, após a conclusão das obras, ele afirma que não concorda mais com a construção de um Centro de Convivência, como obra de edificação, no espaço onde era previsto no projeto da Praça do Estudante.

Segundo o reitor, a escolha em interferir no projeto e fazer a diminuição das construções e, conseqüentemente, dos custos, foi acertada. Para ele, era necessário interferir naquele local do terreno do campus. E cabia a gestão da universidade viabilizar isso, economicamente. A maneira encontrada pela própria gestão – e não pela consulta técnica – foi a redução das áreas de obra a ser edificadas. A reitoria vê, também, que, apesar das reduções, a consolidação da praça, como ambiente formado e completo, está garantida. As complementações futuras, na direção do projeto original, são entendidas como construções autônomas que podem enriquecer o que já está construído. De outro modo, o reitor afirma que não consegue mais entender a praça, após ser construída, como estava dotada no projeto original. Para ele, agora, os ambientes estão consolidados do jeito como foram construídos. “É um crime, pra mim, retirar a grama e colocar prédios ali”, ressalta. (VOLPATO, 2009).

6.7. As Influências do Poder Decisório da Administração Universitária nas Obras da Praça do Estudante

Durante as obras da Praça do Estudante algumas alterações de projeto ainda ocorreram. Mesmo com o projeto já modificado, devido, principalmente, as questões financeiras, novas intervenções da gestão da instituição mostraram-se necessárias e aconteceram de fato.

Como exemplo, pode-se citar a paginação de pisos. O projeto original previa a utilização de bloco intertravado de concreto (do tipo *paver*) com uma paginação em desenho xadrez, utilizando tons diferentes de cinza: o natural e o grafite. Já era sabido, em projeto, que o bloco grafite tinha um custo mais alto do que o bloco natural. Porém, o desenho foi sendo mantido, entre as modificações de projeto, até a execução da obra. Somente na execução efetiva, com os trabalhos em andamento, é que se optou por diminuir radicalmente o número de blocos em coloração grafite. Isso se deu, segundo a direção da universidade, pelo maior custo do bloco.

A obra executada na primeira etapa – Praça entre o Bloco “P” e “Z” – apresenta uma paginação de piso xadrez mais definida, com uso de mais unidades do bloco grafite (fig. 22). Porém, já com redução de unidades. Já na segunda etapa – a Praça do Estudante, propriamente dita – sofreu uma drástica redução no número de blocos grafite, perdendo o efeito do desenho – em xadrez – proposto e aprovado no projeto de arquitetura (fig. 23).



Fig. 23: Piso da Praça "P/Z" (primeira etapa): Blocos de concreto formam desenho xadrez.
(2009)



Fig. 24: Piso da Praça do Estudante, propriamente dita (segunda etapa):
Desenho xadrez é subtraído. Piso é composto apenas por uma cor.
(2009)

No momento da compra dos blocos que comporiam o piso, segundo o engenheiro responsável pelo Setor de Engenharia, a Pró-Reitoria de Administração e Finanças determinou a compra apenas do bloco em tonalidade natural, de menor custo. O Setor de Projetos não foi consultado, antecipadamente, sobre essa alteração, segundo o seu coordenador.

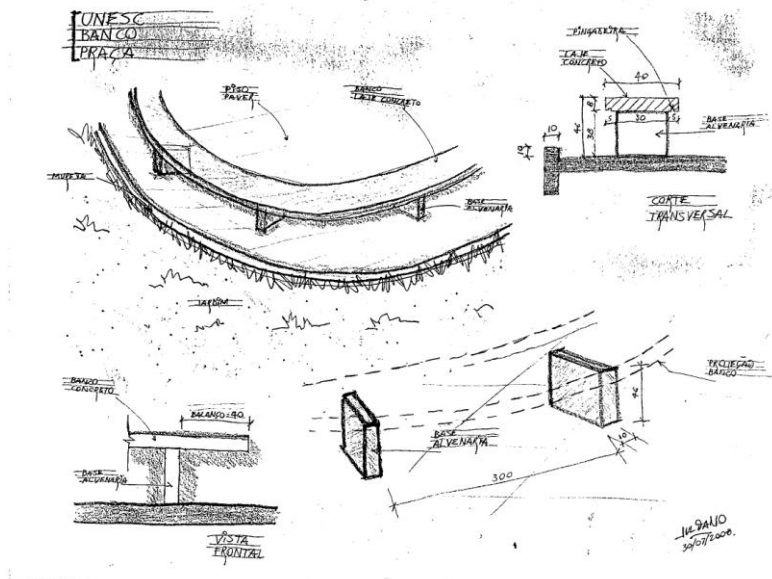


Fig. 25: Projeto de banco moldado *in loco* para uso na Praça do Estudante. (SEPAU/UNESC, 2008).

Outro exemplo de intervenção da gestão universitária no projeto de arquitetura, é a retirada dos bancos previstos. Outra vez, somente a primeira etapa da obra (Praça “P e Z”) recebeu a construção dos bancos projetados (fig. 24 e 25). A Praça do Estudante, na sua segunda etapa, teve os bancos retirados da execução da obra, mesmo aprovados em projeto. A justificativa apontada pelo coordenador do Setor de Projetos é de que a Pró-Reitoria de Administração e Finanças entendeu, somente no momento da contratação da obra, que os bancos de concreto – moldados *in loco* - teriam um custo muito elevado para a obra. A direção da universidade entendeu que os bancos poderiam ser inseridos após a conclusão da obra, através de elementos pré-moldados. O que se observa, atualmente, é que os bancos pré-moldados utilizados não dialogam em harmonia com o projeto da praça.

O desenho dos mesmos não possui elementos de composição que se articulem com o entorno. Sua locação e inserção foram feitos por pessoas não ligadas ao projeto da praça, ficando alheios aos espaços reais de convivência, estar ou circulação. O resultado mais visível é a falta de utilização dos mesmos pelas pessoas que participam do cotidiano do campus.



Fig. 26: Banco em concreto moldado *in loco*, na Praça "P e Z".
(2009)

7. CONCLUSÃO E SUGESTÕES

A Praça do Estudante, na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, em Criciúma-SC, compõe uma grande ação de modificação do campus da instituição. O estudo apresentado é um exemplo da formação da arquitetura e do urbanismo na composição e integração do campus universitário como conjunto. Até, então, não havia unidade física naquela universidade.

O desejo de elucidar os pontos mais cruciais no desenvolvimento dos equipamentos citados veio com o objetivo de chamar a atenção para a influência dos critérios administrativos de gestão institucional nos critérios técnicos de projeto de arquitetura, envolvidos na criação do objeto construído.

O estudo apresentou o trâmite do desenvolvimento de projetos na universidade. Com este trabalho, foi possível provocar os gestores da instituição os quais já iniciaram uma avaliação sobre o processo de planejamento e construção do campus. A tomada de consciência de que o Setor de Projetos deve participar do planejamento do campus, auxiliando na seleção de prioridades, bem como, na viabilidade das propostas já é um sinal de bom resultado obtido com a pesquisa.

Outro ponto é que a apresentação da demanda deve ser acompanhada pelos valores financeiros que a gestão universitária atribui a ela. Dessa maneira, os projetistas podem ter mais facilidade para entender o nível de complexidade que uma estrutura pode exigir, bem como, a composição da arquitetura e seus detalhes, segundo uma análise técnica de projeto sobre a viabilidade financeira.

É preciso que os profissionais de arquitetura estejam mais atentos aos projetos, mas, fundamentalmente, à materialização do mesmo. O trabalho exposto quer sensibilizar a todos para essa importância crucial, seja nas cobranças, nas interseções de gestão da administração institucional, ou nas intervenções executivas de canteiro.

Por outro lado, é necessário o pensamento crítico da gestão universitária, não só em relação às contratações e compras, onde o menor preço sempre vence (segundo a Lei 8666, que trata das licitações, contratações e compras, em autarquias e órgãos públicos), mas voltar-se a busca primordial pela qualidade.

Buscou-se, aqui, fomentar o debate, fazendo a análise da interferência do poder da gestão institucional na elaboração dos projetos de arquitetura, em universidades. Chamar a especial atenção para os eventos que direcionam o projeto nessas instituições, elucidando os caminhos que a arquitetura percorre. O valor aqui procurado foi de esclarecer pontos deixados obscuros muitas vezes, fazendo uma reflexão do trabalho cotidiano de um processo construtivo, desde a formação de sua demanda até a finalização do objeto construído. Pretendeu-se abrir espaço para a crítica apresentando critérios que proporcionem revisão de posicionamentos e aprimoramento de processos, atualmente, consolidados. Tudo, no sentido de melho-

rar o produto final e satisfazer o indivíduo usuário, conforme o projeto foi imaginado.

A pesquisa se aprofundou na relação da gestão universitária com os profissionais projetistas. Buscou esclarecimentos sobre a composição do projeto de edificações, de acordo com a demanda apresentada. Tentou-se formar uma base de análise capaz de instigar a produção de melhores projetos no futuro.

O trabalho caracterizou a relação de gestão administrativa e de formação de projetos de arquitetura para edificações universitárias utilizando como estudo de caso a Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. É fundamental salientar que não são dois lados opostos: o arquiteto e o gestor. Mas sim, dois elementos com o mesmo interesse: formar a universidade. Uma universidade com qualidade, capaz de responder aos anseios sociais a que é submetida, através de projetos de arquitetura mais qualificados.

É importante, também, a elucidação de mecanismos que reforcem tanto a relação entre gestão e projeto, como a formação de um projeto de arquitetura forte. E isso deve acontecer já nas idéias geradoras para formar um projeto capaz de se viabilizar, mantendo intangível sua essência. Pense-se na capacidade do projeto de arquitetura em se manter original, a partir da passagem das fases de avaliação e aprovação, preservando seu amadurecimento natural. Deve-se formar elementos de manutenção do projeto de arquitetura como produto acabado, após as reflexões de gestão administrativa necessárias. Caso contrário, aumenta-se o desperdício no trabalho de projeto, bem como, na efetivação do canteiro de obras.

Diante da investigação das influências do poder gestor no projeto de arquitetura, neste caso da Praça do Estudante, pode-se prever a dificuldade de se continuar a implantação prevista no projeto original. Através das entrevistas feitas à reitoria da UNESC fica clara a percepção de que a praça, como está atualmente, já faz parte do entendimento cotidiano e forma ambientes estruturados e finalizados, sem margem a mudanças drásticas, como a remoção de grama para a complementação de pavimentação dos ambientes, ou construção das edificações previstas.

Observa-se que a influência do poder decisório de gestão é determinante na composição espacial do campus universitário, além de criar ambientes, segundo a proposta de administração sobre a justificativa ou projeto técnico.

O estudo apresentado torna-se documento de referência para profissionais projetistas de empreendimentos universitários.

7.1. Mecanismos Limitadores das Influências Externas ao Projeto

Vivendo o cotidiano do processo de projetar a universidade percebe-se os muitos caminhos que o projeto de arquitetura pode percorrer. Ainda assim, em todos os caminhos possíveis, existe a possibilidade de sua alteração, por influências externas. Essas influências podem ocorrer, princi-

palmente, pelos gestores da universidade; pelos solicitantes de determinado projeto; pelo uso da hierarquia de cargos ou pela força política pessoal ou do tempo a que essa força se reporta.

Acredita-se que as influências externas são inerentes ao projeto. E podem acontecer, também, através do próprio autor do mesmo. Este tipo de ação pode se dar a qualquer tempo, pois, o raciocínio está em constante mudança, assim como, todos os dias está-se sujeito a novas experiências e conhecimentos que podem esclarecer questões de projeto, ainda não justificadas na sua totalidade. Por exemplo, um material a ser utilizado e já discriminado em projeto, pode sofrer críticas em alguma outra obra já concluída. Ao se saber desse fato, pode-se abolir tal especificação, alterando o projeto de arquitetura.

Partindo-se do princípio de que não se pode proteger o projeto contra as influências externas, pensa-se, sim, em mecanismos limitadores dessas influências.

Antes da elaboração da pesquisa, acreditava-se que o projeto deveria vir do autor de forma tão perfeita que impediria qualquer crítica ou justificativa que o inviabilizasse tal como foi concebido. Porém, com o avanço dos estudos, percebeu-se que o projeto de arquitetura não consegue abranger todos os anseios, desejos e, também, as limitações do solicitante. Com as experiências acumuladas ao longo do tempo, somadas às novas de todo os dias, sempre se mantém o projeto sujeito à alterações de toda ordem. Mas o que se procura impedir é o uso das ações de poder para dar direcionamento diferenciado ao projeto de arquitetura, segundo interesses de poder.

Como resultado direto das entrevistas realizadas, além dos outros procedimentos de método utilizados, já se tem um importante demonstrativo daquilo que pode auxiliar, verdadeiramente, na contenção das forças de poder hierárquico de uma instituição, como a universidade, sobre o projeto de arquitetura.

Um mecanismo limitador das influências externas que apareceu bastante claro na pesquisa foi a necessidade de divulgação dos valores disponíveis para a obra aos projetistas envolvidos, através dos gestores da universidade. Isso foi colocado pelo reitor da UNESC, bem como, pelo coordenador do Setor de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos.

O pensamento exposto pelo autor é a de o projeto de arquitetura já prever e disponibilizar, na sua origem, a implantação da obra em etapas. Dessa maneira, a execução das obras poderiam ocorrer à medida que se obtivessem recursos financeiros para ela, ou na sua totalidade, caso os recursos já estivessem disponíveis para tanto. Para o reitor, a direção poderia especificar no momento da apresentação da demanda, para o projetista, em que tempo, ou número de fases, se está pensando construir. Segundo ele, isso ainda é falho na UNESC, porém, é um amadurecimento de processo que a universidade carece. Chama a atenção para que, dessa forma, as mudanças nos projetos serão bem menos frequentes.

Ainda, pensa-se que o Setor de Projetos deve ser incluído na equipe que planeja as ações físicas e financeiras do campus. Dessa maneira, os

projetistas passam a entender a viabilidade financeira das construções no campus, bem como, os gestores passam a vislumbrar que tipos de equipamentos podem concretizar.

Algo parecido a ser proposto seria a realização de algumas reuniões entre projetistas e gestores da universidade, visando a elucidação dos valores envolvidos na futura obra, bem como, a ciência por todos do planejamento que se está fazendo, físico ou financeiro, para implantação do projeto específico.

Outro ponto é a necessidade que o projetista tem de conhecer a realidade da instituição. Faz-se necessário que o profissional atuante na área de projetos de uma universidade procure conhecer bem essa instituição. Saber de seu histórico, sua ideologia, seu caráter pedagógico, sua política de ação, sua hierarquia, bem como, o modo como vem projetando e construindo o campus. É importante, também, conhecer como é, ou foi, a relação dos gestores dessa instituição com os projetistas que vêm projetando o campus. A partir daí é que vem a confiança mútua, necessária para o melhor desempenho do trabalho de projeto. Sem confiança, o projeto pode se tornar dispensável, pois não estará munido dos anseios fundamentais para a gestão da instituição.

O fato que se percebe é que o conhecimento pode ser a principal ferramenta de controle da invasão de anseios alheios sobre o projeto. Quanto mais conhecimento dispor o projetista, menos chances existem de influências externas, invadirem o projeto de arquitetura. Pensa-se dessa forma, pois cada escolha em projeto deve vir acompanhada de uma justificativa. Só se consegue isso quando se tem o conhecimento e a compreensão daquilo que se está aplicando ao projeto. Caso contrário, o projeto não se sustenta. O conhecimento técnico, financeiro, de memória da instituição, da sua história e história das pessoas que a fazem, bem como, da situação da cidade e do país ao logo de sua trajetória, são maneiras de se dispor o projeto de maneira mais fechada e definida, evitando-se a influência das ações de poder, em tempos e situações que podem desqualificá-lo.

7.2. Sugestões para novas pesquisas

Como diretriz para uma próxima pesquisa pode-se buscar as comparações de projetos de universidades ou sua construção de obra, através dos orçamentos efetuados. Dessa maneira, pensa-se que poderia ser possível qualificar o processo de elaboração de projeto executivo, propriamente dito, utilizando a questão de valores financeiros como diferencial para a qualificação do processo. Até tentou-se colocar a temática nesta pesquisa. Porém, a medida que apareceram os entraves de acesso as informações, percebeu-se que isso possui uma complexidade ímpar, capaz de fomentar um novo debate. Imagina-se que só esse tema, possui assunto para uma nova e posterior pesquisa, tendo este trabalho como base inicial.

Acredita-se que está lançada a base de um estudo muito mais amplo, que possa complementar este que se apresentou. A partir daqui

pode-se ter o foco voltado para o usuário final do espaço universitário. Deve-se tentar saber de que modo as modificações de projeto, através da ação de poder gestor, em universidades, influencia o contato do indivíduo com o equipamento construído. O propósito é sempre criar um melhor entendimento e interpretação do que se propõe a gestão universitária, como administração de uma instituição de ensino, constituída por edificações multifuncionais e características diversas, tais como, a cidade.

8. REFERÊNCIAS

ADAMS, Stewart. **Constructividad**. Barcelona: Ceac, 1990.

AMBONI, Juliano Darós. **PRAÇA “P/Z”**. 2008/2009. Fotografias digitais.

AMBONI, Juliano Darós. **PRAÇA DO ESTUDANTE**. 2008/2009. Fotografias digitais.

ANUÁRIO ARQUITETURA DE SANTA CATARINA. Florianópolis: Santa Comunicação e Editora, p. 80-81, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050 – Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro: ABNT, 2ª Edição, 2004.

_____ **Projeto 02:136.01-001/2 – Edifícios habitacionais de até cinco pavimentos - Desempenho – Parte 2: Requisitos para os Sistemas Estruturais**. Rio de Janeiro: ABNT, 2006.

_____ **Projeto 02:136.01-001/3 – Edifícios habitacionais de até cinco pavimentos - Desempenho – Parte 3: Requisitos para os Sistemas de Pisos internos**. Rio de Janeiro: ABNT, 2006.

_____ **Projeto 02:136.01-001/4 – Edifícios habitacionais de até cinco pavimentos - Desempenho – Parte 4: Sistemas de vedações verticais externas e internas**. Rio de Janeiro: ABNT, 2006.

_____ **Projeto 02:136.01-001/5 – Edifícios habitacionais de até cinco pavimentos - Desempenho – Parte 5: Requisitos para Sistemas de Coberturas**. Rio de Janeiro: ABNT, 2006.

_____ **Projeto 02:136.01-001/6 – Edifícios habitacionais de até cinco pavimentos - Desempenho – Parte 6: Sistemas hidrossanitários**. Rio de Janeiro: ABNT, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Curitiba: Positivo, 4ª Edição, 2009.

AZEREDO, Hélio Alves de. **O Edifício Até Sua Cobertura**. São Paulo: Edgard Blücher, 2ª Edição, 1997.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. Rio de Janeiro: Editora Cortez, 2005.

BRAGA, Rayon. Panorama da Educação Superior no Brasil. In: PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA, 2009, UNESC/Criciúma.

BRASIL: mapa político. FURB, 1999. Disponível em: <<http://www.furb.br/especiais/download/648301-489466/sc%20no%20brasil.jpg>>. Acesso em: 08 jul. 2010.

- BUSSAB, Sami; OLIVEIRA, Nildo Carlos. **Arquitetura Escolar: Política Educacional**. São Paulo: Editora FDE, 1998.
- CARRIO, Juan Monjo. **Patología de Cerramientos y Acabados Arquitectonicos**. Madrid: Munilla-Lería, 2ª Edição, 1997.
- COELHO, Manoel. **Manoel Coelho**: entrevista [agosto de 2006]. Entrevistador: Juliano D. Amboni. Curitiba. Arquivo digital.
- CORRÊA, Cristiane. **Edifícios Escolares Miguel Juliano – Colégio Oswaldo Cruz**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- DORCÍNIO, Fernando Sumariva. **Avaliação Pós-Ocupação (APO) nos Blocos XXI da UNESCO: Um Estudo de Caso**. Criciúma: Curso de Engenharia Civil / UNESCO, 2005.
- DORCÍNIO, Fernando Sumariva. **Fernando Sumariva Dorcínio**: entrevista [novembro de 2009]. Entrevistador: Juliano D. Amboni. Criciúma. Arquivo digital.
- ESCOLANO, Agustín; FRAGO, Antonio Viñao. **Currículo, Espaço e Subjetividade: A Arquitetura como Programa**. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2ª Edição, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução, revisão técnica e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 21ª edição, 2005.
- FRENCH, Hilary. **Vivienda Colectiva Paradigmática Del Siglo XX: Plan-tas, secciones y alzados**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução: Dante Moreira Leite. São Paulo: Editora Perspectiva, 2ª edição, 1987.
- GRAÇA, Valéria Azzi Collet da; KOWALTOWSKI, Doris Catharine Cornelie Knatz. **Metodologia de Avaliação de Conforto Ambiental de Projetos Escolares Usando o Conceito de Otimização Multicritério**. Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 4, n. 3, p. 19-35, 2004.
- HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. Tradução: Carlos Eduardo Lima Machado. São Paulo: Martins Fontes, 2ª tiragem, 2006.
- JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Tradução: Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JANUÁRIO, Sérgio Saturnino. **Organização, Ação e Representação de Interesses do Empresariado do Setor Turístico em Florianópolis**. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis, 1997.
- KAWAUCHI, Paulo. **A Linguagem dos Ambientes Escolares: Uma Leitura Sistemática. Uma Visão Prospectiva**. São Paulo: Editora Paulo Kawau-chi, 1999.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. **Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP**. São Paulo: Edusp, 2005.

MEDEIROS, Pedro L. K.. **Pedro Luiz Kesting Medeiros**: entrevista [março de 2009]. Entrevistador: Juliano D. Amboni. Criciúma. Arquivo digital.

ORNSTEIN, Sheila Walbe. **Avaliação Pós-ocupação (APO) do Ambiente Construído**. São Paulo: Studio Nobel, Edusp, 1992.

ORNSTEIN, Sheila Walbe; MARTINS, Cláudia Alonso. **Arquitetura, Manutenção e Segurança de Ambientes Escolares: Um Estudo Aplicativo de APO**. Ambiente Construído, São Paulo, v.1, n.1, p. 7-18, 1997.

PINHEIRO, Carolina. Arquitetura de Cara Nova. **Imagem da Ilha**, Florianópolis, maio 2007. Arquitetura e Decoração, p. D8.

SEPAU/UNESC. **Praça Central / Centro de Convivência: Projeto de Arquitetura**. Criciúma, 2007. Arquivo digital em formato DWG.

SILVA, Armando Felipe da. **Manifestações Patológicas em Fachadas com Revestimentos Argamassados: Estudo de Caso em Edifícios em Florianópolis**: Dissertação de Mestrado. Florianópolis: POSARQ/UFSC, 2007.

SANTA CATARINA: mapas. Governo do Estado de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<http://www.mapainterativo.ciasc.gov.br>>. Acesso em: junho de 2010.

UNESC: hierarquia e informações gerais. Unesc, 2009. Disponível em: <<http://www.unesc.net/aunesc/>>. Acesso em: março de 2009.

UNIVERSIDADE POSITIVO: informações gerais. Universidade Positivo, 2010. Disponível em: <<http://www.up.edu.br>>. Acesso em: janeiro de 2010.

VOLPATO, Gildo. **Gildo Volpato**: entrevista [agosto de 2009]. Entrevistador: Juliano D. Amboni. Criciúma. Arquivo digital.

VOLPATO, Maria Julita. **Maria Julita Volpato**: entrevista [setembro de 2009]. Entrevistador: Juliano D. Amboni. Criciúma. Arquivo digital.

ZARDO, Aline; AMBONI, Juliano Darós; SERAFIM, Nicolle Daminelli. **Parque Urbano Distrito de Paz de São José de Cresciúma**. Florianópolis: Departamento de Arquitetura e Urbanismo - UFSC, Trabalho da Disciplina ARQ5605 Urbanismo e Paisagismo III, 2000.

ANEXO

Neste anexo, apresenta-se a entrevista semi-estruturada aplicada para a geração de esclarecimentos sobre a universidade e o estudo de caso. No caso abaixo, trata-se do questionário utilizado para entrevistar o reitor Prof. Dr. Gildo Volpato. As respostas estão em arquivo de áudio em mídia digital e foram transcritas nos capítulos do presente no estudo.

ENTREVISTA REITOR GILDO VOLPATO

SOBRE IDEOLOGIA:

- Qual é a ideologia da universidade?
- Qual ou como é o caráter pedagógico da UNESC (Ex.: profissionalizante/específico – genérico/teórico – holístico/libertário)?
- Dentro do caráter pedagógico elencado, como deveria ser o campus?

SOBRE GESTÃO:

- O que é a “gestão compartilhada”?

SOBRE O ESPAÇO FÍSICO:

- Como os conceitos de uma universidade podem se refletir em formas, influenciando o projeto?

SOBRE O PROJETO:

- O que é um bom projeto para a reitoria?
- Quais as razões que provocam um projeto?
- Por que um projeto, depois de aprovado, sofre alterações?

ANEXO

Pesquisa em outras Universidades

Foram tomados exemplos de universidades com planejamento de edificações e espaço urbanístico a médio e longo prazo, através de um plano diretor bem consolidado. Pela proximidade e fácil deslocamento optou-se por:

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC – PR) Campus Curitiba

A relação da arquitetura e o urbanismo na formação do campus universitário da PUC é evidente. Por isso, o interesse na leitura do espaço e sua conformidade com os objetivos da gestão universitária local é fator de estudo para o presente trabalho.

A PUC – PR é uma das instituições de ensino mais conhecidas e respeitadas do Brasil. É uma instituição Marista privada, sendo uma das maiores do estado do Paraná (fig. A1).

Com 48 anos de existência, a PUC – PR tem a preocupação em manter a tradição, porém, sem esquecer os avanços tecnológicos. E isso se reflete, claramente, na arquitetura de seus campi e suas edificações (fig. A2).

Hoje, a Universidade possui, aproximadamente, vinte e sete mil alunos, distribuídos em cinquenta e três cursos de graduação e cento e cinquenta de pós-graduação.

Além do campus Curitiba, onde se encontra a matriz da instituição – e por esse motivo foi eleita para a visita vinculada a este trabalho – a PUC – PR ainda desenvolve suas atividades nos campus das cidades de São José dos Pinhais, Londrina, Toledo e Maringá.



Fig. A1: PUC – PR: Imagem geral do campus.
(2006).



Fig. A2: No campus Curitiba, o novo contrasta com o antigo. Vista dos fundos da
Biblioteca Central.
(2006).

O campus Curitiba é o primeiro da PUC – PR. Possui 10.500 m² (dez mil e quinhentos metros quadrados) de área. Todas as atividades, centros de ensino e equipamentos de apoio, como Biblioteca, estão concentrados neste campus, e dão suporte para os demais, espalhados pelo Estado.

Por ser o campus mais antigo, em Curitiba, edificações mais antigas contrastam com as modernas instalações. A PUC – PR investe no que há de mais atual em tecnologia de construção, além de equipamentos. Isso se reflete na arquitetura das diversas edificações.

Apesar de ser uma instituição com organização rígida, a composição hierárquica entre as pessoas e o espaço físico é menos aplicado do que na Universidade Positivo – sendo a próxima a ser discutida. A pressão por mudanças nos espaços, criação de novos lugares, modificações de projeto antes e após a obra efetiva são constantes (fig. A3 e A4). Este fato, foi observado em visitas à universidade, além de conversas com o arquiteto Manoel Coelho, responsável pelos projetos de arquitetura do campus. Segundo Coelho (2006), na PUC - PR, existe uma certa pressão por modificações e interferências no projeto de arquitetura. Ali, é preciso ter certa maleabilidade de tratamento, dependendo da solicitação e do cargo hierárquico do solicitante. De qualquer maneira, Coelho afirma que não abre mão da qualidade nos projetos, valorizando isto, diante de exigências de qualquer natureza. Perante uma intransigência, o caminho é conversar diretamente com o reitor da universidade, uma vez que possui essa liberdade.

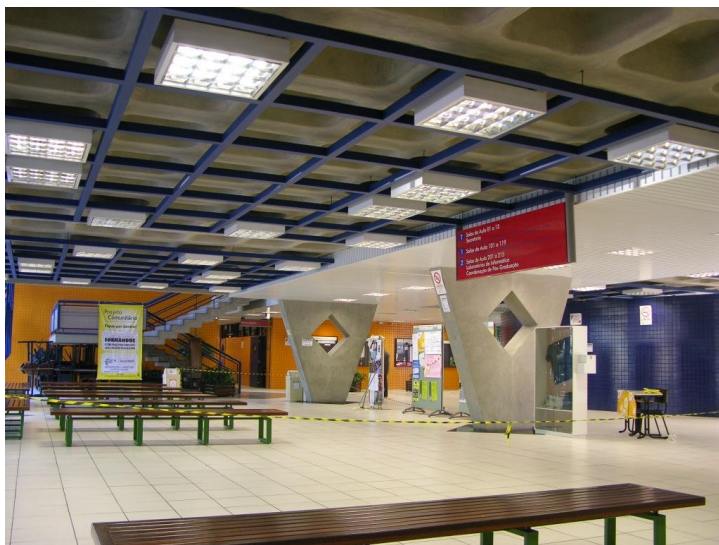


Fig. A3: Saguão de bloco de salas de aula: inserção de bancos, em espaço projetado para ser um grande vazio, receptor do alto fluxo de pessoas. Observar uso de depósito, sob a escada. (2006).



Fig. A4: Marquise de marcação, abrigo e acesso ao bloco de ensino, sendo utilizada como estar de cantina. (2006).

Então, percebe-se na fala do arquiteto uma permeabilidade no projeto, não percebida nos projetos da Universidade Positivo. Também, diante da visita ao local, percebe-se as mudanças feitas após a obra, em algumas edificações do campus. Não se pretende, aqui, julgar os atos e interferências ou analisar as qualidades de projeto ou suas modificações, mas constatar as interferências do poder e suas relações em projetos de equipamentos universitários. Na PUC – PR isso ocorre, comprovadamente.

3.1.8.2. A Universidade Positivo: Campus Curitiba:

Como a universidade supracitada, o Unicenp, como é conhecido, destaca-se pelo arrojo formal e ousadia funcional na construção do seu campus universitário. Também, destaca-se pela rapidez que emprega nas construções das diversas edificações que compõem o seu espaço físico.

A Universidade Positivo faz parte do Grupo Positivo, importante instituição no cenário nacional e é derivada das Faculdades Positivo, existentes desde 1988, na cidade Curitiba, Estado do Paraná. Dez anos depois, em 1998, foi criado o Centro Universitário Positivo – UNICENP, estendendo o número de cursos oferecidos. No ano 2000, a instituição passou a ocupar o atual campus, especialmente projetado, com uma área construída de 410.000 m² (quatrocentos e dez mil metros quadrados) (fig. A5).

Em 2008, o UNICENP transformou-se em Universidade Positivo, através de uma autorização do Ministério da Educação.



Fig. A5: Universidade Positivo: Imagem geral do campus. (2006).

Hoje, a Universidade Positivo possui uma área construída de 422.000 m² (quatrocentos e vinte e dois mil metros quadrados), oferecendo vinte e seis cursos de graduação, três programas de mestrado e um doutorado.



Fig. A6: Estar. Apesar da aparente liberdade do ambiente, este se encontra rígido, conforme projeto. Não se observa interferência do usuário. Existe um poder de manutenção permanente do mesmo. (2006).

Na Universidade Positivo o espaço físico é tratado dentro de um plano diretor complexo e aprofundado nas diversas questões necessárias para um campus. Cada espaço forma um lugar pré-determinado (fig. A6). Tanto usuários, como funcionários da instituição, têm seu lugar dentro de um contexto coletivo. Por exemplo, as salas de professores estão agrupadas, em um mesmo lugar, porém com uma mesma identidade. Todos têm o mesmo espaço e a mesma configuração. Isso independe do cargo que o professor ocupe, dentro de uma hierarquia na instituição. Este fato, foi observado em visitas à universidade, além de conversas com o arquiteto Manoel Coelho, responsável pelos projetos de arquitetura do campus. Segundo Coelho, na Universidade Positivo, todos são tratados de forma igualitária, como funcionários de uma empresa. Não existe possibilidade de tratamento da estrutura física, seguindo o grau de crescimento da carreira do professor, por exemplo. A estrutura projetada é rígida e não oferece oportunidades de mudanças, sem um complexo estudo de projeto e obra.



Fig. A7: Salas de professores da pós-graduação. Tratamento com características homogêneas. (2006).



Fig. A8: Sala de professor. Apesar do espaço físico ser idêntico, cada professor/usuário procura inserir sua personalidade no ambiente. (2006).

As edificações e equipamentos da universidade são dispostos com configurações já determinadas pelo projetista (fig. A7). O usuário tem pouca influência interativa no espaço físico construído. Sua interação acontece de modo mais superficial, através de peças soltas que podem segui-lo, mesmo quando deixar de utilizar o ambiente, conforme a fig. A8.